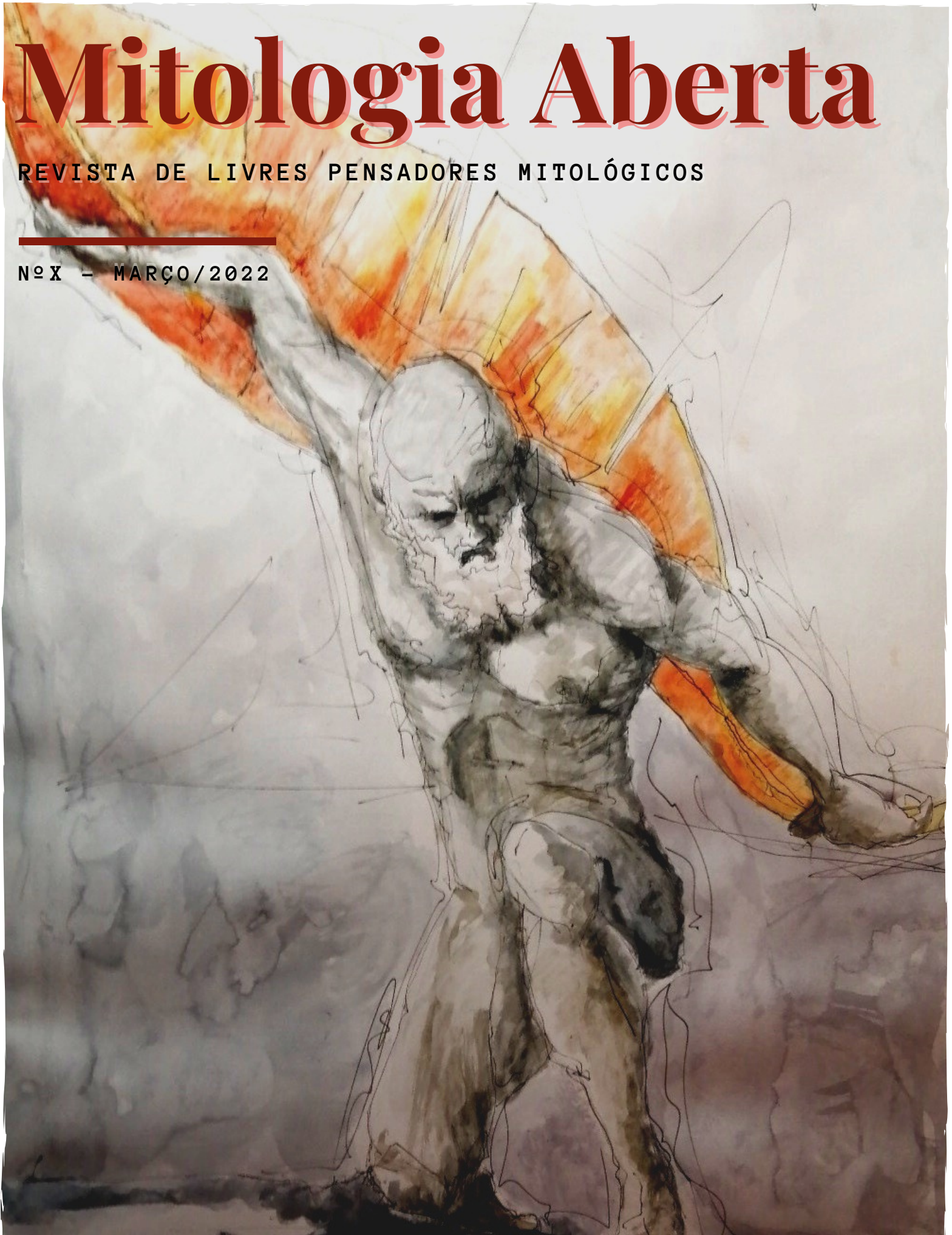


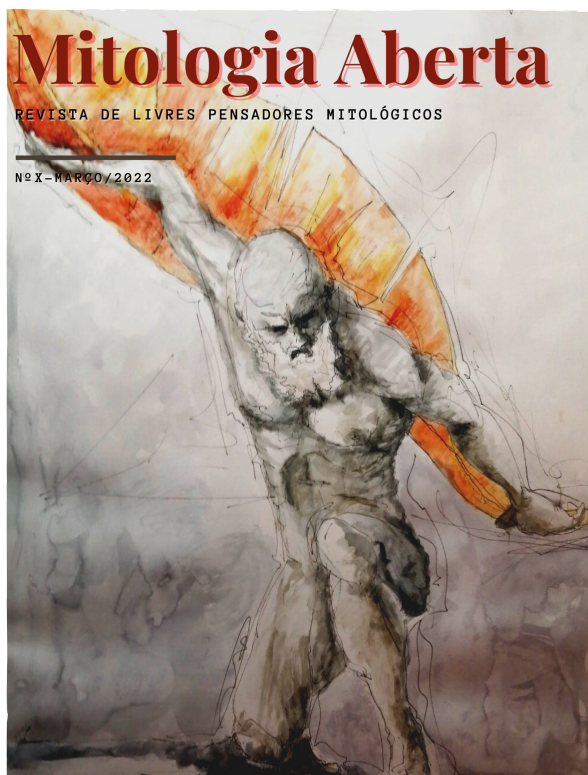
Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

Nº X - MARÇO/2022



SUMÁRIO



03	APRESENTAÇÃO EDITORIAL;
06	ILUSTRES ILUSTRADORES;
10	PRÓLOGO DOS ARTIGOS;
11	<u>ARTIGO 1</u> : ATLAS: O PESO DA MATURIDADE
14	<u>ARTIGO 02</u> : O LABIRINTO DE ORFEU
24	<u>ARTIGO 03</u> : O VELHO SÁBIO E A BAILARINA
47	<u>ARTIGO 04</u> : ADONAI
51	<u>ARTIGO 05</u> : AMATERASU E A AUTOESTIMA
57	BIBLIOTECA DE THOTH;
58	VITROLA DE ORFEU;
62	HISTÓRIAS DA VÓ TIANA;
64	ARQUIVOS DE LOKI;
67	A NONA ÁRVORE;
81	ACADEMIA DE QUÍRON;
87	PANTEÃO DE COLABORADORES;
94	AGRADECIMENTOS.

APRESENTAÇÃO EDITORIAL



Chegamos agora à nossa 10ª edição, transbordando de alegria por conseguir cumprir o maravilhoso objetivo da Revista Eletrônica Mitologia Aberta: divulgar os mitos!

Nesta edição temos uma capa feita por um incrível artista internacional, que pinta a mitologia com a sua alma! Além dele, mais duas estrelas brilham nesta edição: uma delas com sua arte no artigo que ele mesmo escreveu e outra, ilustrando a nossa contra capa.

Agradecemos a todos os leitores que nos acompanham em toda essa jornada, que a cada dois meses se renova e cujas descobertas não param porque somos buscadores do conhecimento. Mas o destino sempre ajuda e neste mês aconteceu a maravilhosa sincronicidade de termos uma mesma temática em sessões diferentes: A Nona Árvore e as Histórias da Vó Tiana foram chamadas pela Cobra Amazônica!

Na Biblioteca de Thoth, temos uma dica maravilhosa de mitologia grega; A Vitrola de Orfeu traz mais uma banda incrível para conhecermos. Nos Arquivos de Loki trouxemos uma resenha da saga "Cavaleiros dos Zodíacos"; Já a Nona Árvore apresenta um galho recheado da mitologia nacional, transposto em várias mídias; Vamos ouvir também mais uma das Histórias da Vó Tiana; Já na Academia de Quíron, outros cursos interessantes surgem!

Demos uma breve pausa no nosso canal no Youtube, mas muito em breve retomaremos a programação das lives, sempre animadas e recheadas de mitologia!

Agora vamos abrir os braços para mais um ciclo que inicia!

Larissa Dias



Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

GUIA DE SEÇÕES

ILUSTRES ILUSTRADORES



Para saber um pouco mais sobre os artistas que dão vida às nossas divindades por meio de incríveis ilustrações.

ARTIGOS



Um grande banquete onde todos os deuses se encontram para partilhar conhecimento.

BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias. Aqui, estarão essas histórias, que fazem parte da mitologia familiar brasileira!

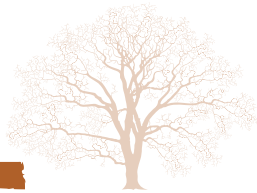
GUIA DE SEÇÕES

ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

A NONA ÁRVORE



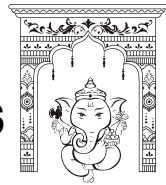
A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas.

ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

PANTEÃO DE COLABORADORES



Para saber um pouco mais sobre todos os incríveis colaboradores que criam cada uma de nossas sessões!

ILUSTRES ILUSTRADORES



“ Luca Scaini nasceu em Lecco, Itália, no ano de 1972. Em sua trajetória pôde contar com pintores e ilustradores citados em importantes catálogos no início do século XX.

Começou a pintar de forma consistente e regular em 2014 depois de ter cruzado o mundo vivendo e trabalhando como professor de marketing e economia. Sua formação, profissional artística e pessoal, baseia-se em suas andanças: África, especialmente Marrocos e as fronteiras entre Quênia e Etiópia, extremo oriente, tendo trabalhado na China, Tailândia, Japão e Indonésia, no Oriente Médio, onde trabalhou no Iraque, Cazaquistão, e agora, novamente na Rússia, onde trabalha como Chefe de Programas e Professor Sênior em uma prestigiada Escola Britânica Superior de Artes e Design.

Uma nova jornada - e inesperada - começou em 2014: uma jornada dentro de sua escura, mística e inexplorada alma, que ele descreve com os traços de seus pincéis.



Luca Scaini

Instagram: @capitanstellasolitaria
@capitanstellasolitaria2



"Il peso della vecchiaia",
Arte que ilustra a capa desta edição

ILUSTRES ILUSTRADORES



Ao longo da sua exploração, ele tem tocado diferentes técnicas: grafite, acrílico, tinta e aquarela, mas a sua verdadeira natureza está ligada com a porcelana chinesa e a aquarela.

Sua pintura varia entre estilos experimentais, expressionismo e, algumas vezes, figurando e pintando emoções.

Principais exposições:

*Shangai (China) março/abril de 2016, pessoal @ Southern-Belle;

*Ifrane (Marocos) novembro / dezembro de 2018, (Pessoal) @ Al Akawayn;

*Firenze (Itália), setembro de 2020 prêmio internacional Leonardo da Vinci, Coletivo @ palazzo Zimenes Panciatichi;

*Moscou (Rússia), em andamento, previsto para a primavera de 2022, pessoal @ "Artplay".

Em 27 de setembro de 2020, expôs sua obra "Birth of Vênus" em Florença e foi premiado com o "Premio Internazionale Leonardo Da Vinci", dedicado aos artistas que nos últimos anos se distinguiram por seus esforços estilísticos e técnicos (indicado por Sandro Serradifalco e um comitê que conta, dentre outros, com Ângelo

Crespi e Edoardo Sylos Labini).

Publicou na revista de arte "Art Now" (edição de outubro de 2020) e na revista cultural "Sylarus" (edição de novembro-dezembro de 2020), creditada pelo catálogo de arte "Artisti 21" (Arnaldo Mondadori editore).

Se você quiser conhecer mais, apenas deixe que a arte dele fale por ele, sobre o seu universo e sobre a sua alma. ”

***NOTA DA EDITORA:

Luca gentilmente nos cedeu sua belíssima e delicada arte para a capa desta edição. Além de Atlas, ele pintou diversos outros personagens mitológicos, sempre com seu traço único e inconfundível, capaz de nos fazer viajar entre as linhas que dão forma aos deuses e aos homens, de forma ritmada e exclusiva.

ILUSTRES ILUSTRADORES

Carmelina de Toledo Piza é mestra em educação, com especialização em psicopedagogia, arteterapia e mitologia.

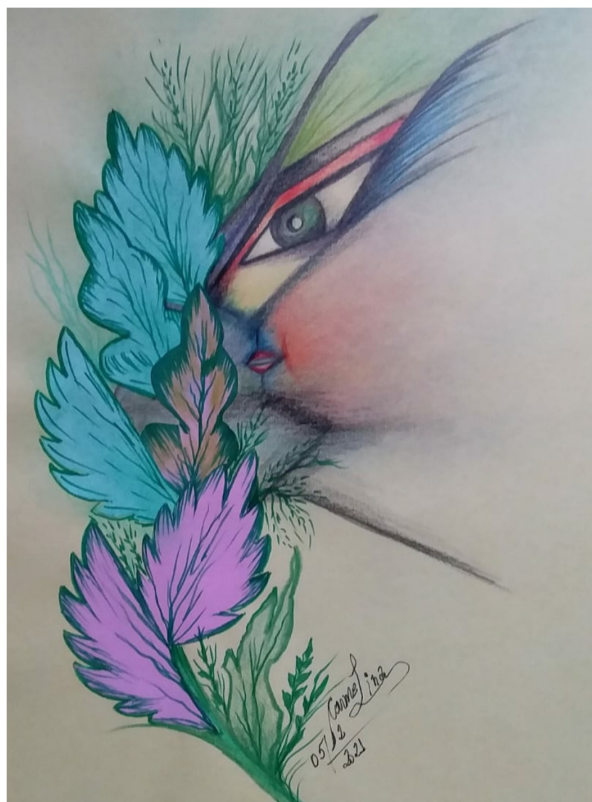
Conta com vários livros publicados, sendo dois infantis e oito para adultos. O seu livro mais recente é "Constelação das Deusas e das Mandalas", um livro para você pintar e descobrir a sua Deusa. Um livro para você ler poemas livres com as mandalas... Um livro para você!

Além disso, Carmelina é portadora de uma voz única, uma voz que já deu vida à inúmeras histórias que ela conta durante toda a sua vida, enchendo de luz o caminho de todos que encontra na sua trajetória de uma verdadeira Contadora de Histórias.

Para ver mais visite seu perfil no Facebook:
www.facebook.com/carmelinaescritora



Carmelina Toledo Piza
Tel: (19) 9145-6656



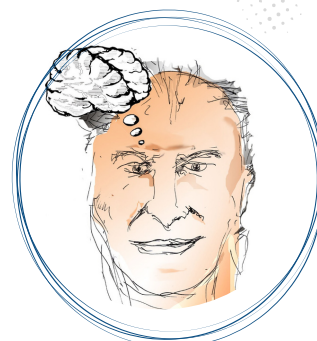
"Aflar o Desejo",
Arte que ilustra a contracapa,
desta edição.

ILUSTRES ILUSTRADORES

Gazy Andraus é pós-doutorando pelo PPGACV da UFG, Doutor pela ECA-USP, Mestre em Artes Visuais pela UNESP, Pesquisador e membro do Observatório de HQ da USP, Criação e Ciberarte (UFG) e Poéticas Artísticas e Processos de Criação. Também publica artigos e textos no meio acadêmico e em livros acerca das Histórias em Quadrinhos (HQs) e Fanzines, bem como também é autor de HQs e Fanzines na temática fantástico-filosófica.

Sua tese "As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário", defendida na ECA - USP, foi premiada como melhor tese no HQ-Mix-2007, do ano de 2006. Lançou oficialmente no ano de 2022 o volume IV do seu álbum Homo Eternus.

Gazy gentilmente cedeu como ilustração para seu artigo uma belíssima arte, feita com óleo sobre tela.



Gazy Andraus

Instagram: @gazyandraus



"Sem Nome",
Arte que ilustra o artigo 2, desta
edição.

PRÓLOGO DOS ARTIGOS



A revista Mitologia Aberta está na sua décima edição. Muitos artigos incríveis já passaram pela nossa revista e agora, comemoramos um pouco mais de cinquenta artigos na nossa história!

O primeiro artigo desta edição trará ninguém menos que o velho Atlas, o titã da mitologia grega com a temática sobre o peso que a maturidade traz.

O segundo artigo é uma mistura divertida feita pelo autor dos mitos de Orfeu e Perseu, através de uma viagem filosófica sobre a temática da vida.

No terceiro artigo teremos uma poesia em forma de escrita em muitas páginas de mitologia oriental, mas também de mitologia comparada, mostrando uma belíssima lenda que traz um velho sábio e uma encantadora bailarina!

O quarto artigo falará sobre a mitologia judaica, trazendo o significado da expressão "Adonai" como caminho desta interessante exploração!

Já o quinto artigo falará sobre a autoestima através do mito japonês da linda deusa Amaterasu, que nos encantará com seus mistérios através do espelho!

Depois de introduzir todos estes temas incríveis, vamos deixar o leitor apreciar o que cada autor escreveu com sua alma, com seu coração, com seu cérebro e com certeza, com os deuses lhe soprando aos ouvidos!

Boa leitura!
Larissa Dias

ATLAS: O PESO DA MATURIDADE

POR LARISSA DIAS

O Mito grego de Atlas nos fala sobre um homem que fora destinado a carregar o peso do mundo nas costas. Mas, o que será que Atlas fez para merecer isso?

Atlas era um titã, filho de Climene e Jápeto, que por sua vez era filho de Urano, o deus do céu, e Gaia, a deusa da terra. Ele era irmão de Prometeu (o ladrão do fogo) e Epimeteu (marido de Pandora, sim, a da caixa). Além disso, ele tinha um outro irmão, menos conhecido, chamado Menoécio, este, atingido por um raio e jogado nas profundezas do Tártaro (BRANDÃO, 2015).

Como em outras histórias, os titãs eram os antigos deuses, que deveriam obedecer agora às regras de Zeus, o deus dos deuses. Mas parece que vários titãs decidiram se rebelar contra a regência jovem e poderosa

de Zeus e entraram em guerra contra o Monte Olimpo, junto com as forças do Caos. Zeus, porém, conseguiu vencer a batalha e castigou os titãs.

Para Atlas, Zeus decidiu que ele sustentaria o firmamento nos ombros, tornando-o assim, aquele que segura o mundo, o sofredor. (GRAVES, 2008).

Por ter lutado contra a força vigente, Atlas fora condenado para sempre a carregar o peso do mundo em suas costas. Com isso, parece que aqui mora uma analogia mitológica necessária: a luta para ser sempre jovem!

O processo natural do ser humano é de nascimento, crescimento, envelhecimento e morte. Isso quer dizer que ao envelhecer, estamos nos aproximando do fim do nosso ciclo.

Sabemos disso, e por isso mesmo decidimos dar alguns “passos para trás” em relação ao abismo que começamos a enxergar e fazemos isso com cirurgias plásticas, compra de bens materiais, como motos e barcos, a busca por parceiros mais jovens ou profissões mais aventureiras, ou mesmo viagens pelo mundo e mudanças completas de vida. Buscamos incessantemente o novo, diante de uma crise do envelhecimento.

Diz-se que na meia idade uma nova jornada do herói começa, uma diferente da que surge na adolescência. Isso faz com que exista uma energia extra, heroica e disponível para ser usada. Assim, a velhice traz algo como um novo vislumbre de vida.

Claro que podemos pensar que o mito de Atlas fale sobre um excesso de responsabilidades, quando assumimos coisas demais para provar algo para alguém, ou quando não obedecemos nossos próprios limites e nem assumimos que chegam momentos em que todo ser humano precisa apenas descansar. Existe uma doença para isso, chamada “Complexo de Atlas”, uma das doenças da vida moderna multitarefa.

Mas vamos pensar na exata imagem que a arte que é capa desta edição traz: a velhice. Se pensarmos que a velhice vem com doenças, mudanças corporais, esquecimento, podemos imaginar que carregar o mundo inteiro nas costas é um sacrifício terrível. Mas não podemos esquecer da sabedoria, de saber aproveitar os momentos pelo prisma de nossas experiências anteriores, de tudo o que acumulamos e construímos, e que hoje é a base da nossa segurança. Olhando assim, carregar o mundo pode ter inúmeras possibilidades em si.

Talvez por isso o autor da arte da capa trouxe o mundo nesta bela representação de uma folha. A folha é algo que aparentemente é leve, mas que carrega toda a sabedoria das árvores antigas, que vieram antes dela. É sobre como saber ser leve diante da sabedoria. O conhecimento tem um certo peso, a sabedoria transforma o peso do conhecimento em uma energia rarefeita, que perpassa nossas ações.

Particularmente, entendo que a imagem de Atlas pode ser vinculada a nós de forma geral, independentemente da idade que temos. Tudo

depende de como vamos lidar com nossos “castigos” por querer transcender uma geração, um obstáculo, um momento de vida. Qualquer coisa pode ser um peso se a carregarmos assim. Mas podemos escolher ver esse “peso” como missão, e assim ser como uma leve folha, que ao cair de uma árvore, consegue adubar o solo no qual cai, com a sutileza de poder contar com a ajuda do vento. É como sabiamente é abordado o fluxo da vida, como “O Caminho da Folha”, no seriado “A Roda do Tempo”: existe um fluxo contínuo, sobre o qual não interferimos, mas apenas seguimos, como uma folha que, levada pelo vento, sabe exatamente onde vai terminar.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. Vol 1. 26 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015;
- GRAVES. R. O Grande Livro dos Mitos Gregos. São Paulo: Ediouro, 2008.

O LABIRINTO DE ORFEU

POR GAZY ANDRAUS

Este título [1] é uma mistura de duas lendas mitológicas: a de Teseu, que derrotou o monstruoso Minotauro dentro de um labirinto, e a de Orfeu, que resgatou sua esposa do Inferno, para, no final, perdê-la novamente.

O que têm a ver estas lendas, e ainda mais a mistura das duas? Bem, em primeiro lugar, se eu escrevo este texto, é para fugir de uma sina comum a todos os humanos: o desconhecimento de seu destino, e a necessidade de fazer algo, visto que a mente humana racional atual (e já reformatada por milhões de anos de evolução cósmica), não conseguindo viver em paz consigo mesma, busca desesperadamente se ludibriar, criando e fazendo algo. Assim, se ela consegue começar alguma coisa, e se esta coisa começa a dar um prazer no exato momento em que ela trabalha, o momento presente se torna essencial e real, e o passado e futuro

são temporariamente olvidados desta mente, que se compraz no trabalho elegido. Assim, ao criar e escrever, portanto e por exemplo, resolvo colocar um título que me veio intuitivamente (o que é isso?), aceitando-o. Há alguns anos eu era muito mais criativo, e agora, sentindo este esmagamento, tento ressuscitar o “coração esquecido” da vida criativa.

E eis pistas de onde tento chegar... se este texto começa a correr e se perde, talvez tenha mesmo a ver com o título, pois se está entrando em um labirinto. Mas não se sabe o que será encontrado. Quanto ao fio de Ariadne, não se preocupem, pois, permeando toda esta minha narrativa, existe algo que quero e necessito compartilhar, que está em minha mente desde as minhas recordações de criança. Só não sei se é uma criação fantasiosa minha ou se é uma utilização em conjunto da qual

não posso me esquivar, por ser pertencente à minha própria formação genética, ou ainda se é algo trazido do psíquico do inconsciente coletivo adormecido, e que desperta quando o “artista” se embrenha em seu *metiér*, ou se é algo assoprado por hierarquias angelicais (ou demoníacas que querem consumir o substrato humano), ou se são auxílios de almas em outras regiões dos planos psíquicos e cósmicos, ou, quem sabe, se manifestações coadunadas por seres extra ou intraterrenos de formação superior às nossas... ou se são todas estas possibilidades, juntas ou aos pares, ou algo mais que nossa mente nem pode conceber...!

Mas lhes pergunto: como sair desse labirinto de Teseu, que não é mais de Teseu, mas sim de Orfeu, que buscando uma solução, assim que a encontra, a perde em seguida... seriam metáforas ao homem? Como a tela de um computador, na qual se inserem estas letras, que na verdade não existem materialmente... ou existem, pois a matéria é um estado da energia, e a não-matéria também.

Os problemas Humanos (parte 2)

O fio de Ariadne é justamente aquele que parece estar em paralelo com o

coração funcionante (essa palavra parece não existir, por isso ela agora está criada) do homem. Enquanto ele bate (o coração), o ser vive; enquanto ele vive, o fio o conduz... um fio “invisível”, no qual alguns chegam a tocar!

Mas se Santo Agostinho, cuja vida pregressa era desregrada, e depois guinou para outro modo de vida, e São Francisco de Assis, cuja vida exemplifica o humilde, o “louquinho”, o *hippie* dos anos 70; e Gandhi, que de vaidoso advogado se transmuta em sábio forte que fabrica suas próprias vestes a fim de minimizar o máximo possível o carma seu e de seus semelhantes - não importa aqui o que é carma e se você acredita ou não, mas dou uma dica: a ciência fractal e quântica sabe que tudo é interligado e que cada ação nossa conduz a um efeito de proporções inimagináveis. Portanto, antes de nos preconceitualizarmos com um termo ou uma filosofia, vamos nos informar acerca do que é possível - note que me utilizo de exemplo da “todopoderosa” Ciência como dogma[2] principal que pode servir para justificar esta teoria em defesa do “carma”. Só assim você e eu podemos nos tranquilizar e tentar aceitar estes fatos, mesmo que com outro olhar!

Bem, além de Gandhi, houve um sujeito chamado Buda, que depois de perceber que o ser humano sofre, renunciou a este estado de vida, para, além de vários percalços, debaixo de uma figueira, durante 40 dias, conseguir exterminar a raiz-razão de sua mente. E Cristo, que nasceu fora do padrão da fecundação genética (a qual associa o espermatozoide ao óvulo, trazendo outro aspecto ao humano), segundo algumas filosofias e o próprio Huberto Rohden asseverava.

Mas como acreditar nisso? Não precisa. Que tudo seja falso, não há problema. Que nada disso seja verdade, que a religião (religare = religação) seja desnecessária, não faz a menor falta... que a ciência racional não seja verdadeira também (só que então não conseguiremos, nessas leis, construir uma casa sequer). Portanto, a negação de muitas das coisas que julgamos desnecessárias pode estar passando por um julgamento nosso, em que na verdade não está sendo realmente processado pela nossa mente, mas sim por uma região dela apenas: uma que foi “domesticada”, para assim achar, graças à nossa própria evolução, bem como graças à nossa infantilidade ainda no concernente a outros conhecimentos que nem sabemos existir (a própria TeoCiência atual sabe mui-

ta coisa que não nos repassa e demora para fazê-lo. Ela tem a desculpa real de estarem ainda sendo investigadas pelo canal estrito racional, mas outras escusas estão mancomunadas com questões governamentais e de litígio sigiloso de dominação nacional e extranacional).

Construímos nossas sociedades fragmentando-nos. Onde, no início, podíamos pensar num futuro excelente em níveis psicológicos e materiais, agora com certeza não estamos mais tão confiantes.

Se tomarmos a questão bíblica da queda de Adão e Eva (sua expulsão do “Paraíso”), através de um prisma metafórico, podemos dizer que o ser humano vivia num estado puro, de eterna graça, em comunhão com a natureza, que a ele tudo provia[3]. Mas eis que chega a tentação: o fruto do conhecimento. Mas que conhecimento? Se o homem já estava mergulhado na *Natura*, o conhecimento jazia nele mesmo, como consciência inerente. O que aconteceu, então? Alguma coisa na formação psíquica do homem se soltou: um fragmento chamado agora de cérebro racional, o fragmento que precisa saber de tudo por uma ótica fragmentada, e que obtém um prazer novo por essa descoberta. É quase como se “Deus” houvesse parido o homem e o enga-

nado: apontou a ele um fruto que não podia ser comido. Mas se não houvesse apontado o fruto, o homem poderia comê-lo inadvertidamente. Mas também este fruto não precisava figurar no Éden... ou precisava estar lá, já que, como tudo é interligado, se não figurasse no “Paraíso”, este não poderia existir! Então não havia opção, em realidade: “se ficar o bicho come, se correr o bicho pega” (há uma profundidade inextricável neste dito).

Bem, o certo é que a tentação se fez visível, e a partir daquele instante, o homem viu estimulado alguma coisa dentro de si que começou a parti-lo. E com a consumação da quebra da lei de *Theos*, o homem principiou sua jornada solitária, em que ao mesmo tempo em que é formado pela igual substância da matéria *Natura*, tem um isolamento psíquico dela, não estando mais “dentro” totalmente, não sendo mais como “Um”, como se constata nos animais selvagens.

E daí esta evasão do Paraíso fez com que o homem sentisse a necessidade. E a necessidade de alimento, de roupas, de todo o mais era mínima perto da necessidade última e principal que o assolava (e o assola até hoje): o retorno à sua condição original, à sua psique ligada e coligada ao Éden, ao Paraíso. E esta

necessidade até hoje tem sido a real mola propulsora de toda a saga humana, desde as guerras e conquistas bélicas, até a tecnologia atual e a falsa necessidade dela (pois substitui temporariamente a necessidade de preenchimento psíquico-natural, comungado entre o homem-Éden e o Paraíso-lar).

Fora do labirinto! (parte 3)

Contra esse “trauma” da expulsão não há remédio! O homem bem que tentou.

Constituiu famílias, caçou, plantou, se tecnologizou como extensão natural de si (McLuhan), mas, conforme suas agregações foram se ampliando, seus problemas emocionais (por falta de estar no “Paraíso”) continuaram.

O estado atual em que nos encontramos hoje, com tamanhas mazelas e poucas tentativas de minimizá-las, é algo “natural”, advindo desta evolução “defeituosa” hominídea. E não estou aqui computando as asserções a respeito de nossa evolução ter sido exclusiva, ter sido criada ou não por experimentos extraterrestres, ou acasalamento deles com primatas-hominídeos, ou ainda, planeta de expiações de energias retrógradas de todo o tipo do cosmo, bem como a indicação de a Terra ser um orbe-purgatório, ou de todos ser-

mos controlados por uma energia “demoníaca”, que repercute nas cúpulas dos autopoderes, etc...

Acredite-se ou não em tudo isso, pouco importa (ou muito, dependendo do ponto de visualização e enfoque mental).

O que deve ser levado em consideração é que, em face à situação do homem atual e seu posicionamento dentro deste planeta, em vista dos estados anímicos internos de sua mente, nada parece poder resultar em que se supere esta irregularidade; e menos ainda se divulga estes problemas, que, em verdade, se originam de um somente.

Eu mesmo me tomo como exemplo, e assim posso compreender muito do que se passa pela mente humana, em seus desígnios sempre insatisfeitos, pois que, sendo um humano e tendo os mesmos desígnios, e ainda tendo nascido de uma união entre espermatozóide e óvulo, estou e sou acometido de todos estes embates mentais.

É engraçado como julgamos com extrema rapidez as ações de nossos semelhantes. Nossas mentes, como não conseguem se afrontar, espelham nas outras os problemas. Assim, é fácil eu acusar qualquer atitude do outro, do menor mal ao maior: do vizinho barulhento ao maléfico Hitler!

Se eles são “culpados”, eu o sou em

mesma proporção! Cada pensamento meu, dirigido ao ego-querer e por ele, detona uma série de ocorrências que, como a teoria da Borboleta descrita pela ciência diz, pode acarretar uma guerra no outro lado do planeta (que vai afetar, em muito, este lado aqui, mais cedo ou mais tarde, psíquica e/ou fisicamente). Mas como não reclamar do vizinho, do motoqueiro barulhento, da pessoa que nos perturba, do bandido, do ignominioso ser que quer dominar um planeta? Não há como, enquanto parte de nós for constituída do gene animal.[4]

Fora do Labirinto? (parte 4)

E isto é só um pouco do que fingimos não conhecer.

Quando nascemos aqui nesta Terra e neste nível material (energia semi-congelada), crescemos em um seio social sem nem sermos informados de certas destinações.

Quais?

Há influências comprovadas cientificamente, que ocorrem pelas gravitações dos astros no espaço sideral. Estas interações influenciam sobremaneira todos os componentes do universo. O ser humano tem sua psique em ligação direta com estes cruzamentos, e sua formatação está em constante sintonia a estes movimentos intra e extracósmicos.

Você pensa que não percebe isso... mas o mar, a lua e os plantios comprovam-nos a veracidade dos fatos. A menstruação da mulher e seus humores não são independentes e nem independem das interações energético-cósmicas. E nem a mente do homem. E a cada época anual, muitas fases da mente humana se entrecruzam, oferecendo momentos diferentes para cada procedimento. O homem antigo estava mais próximo destes fluxos e refluxos. Pois sua tecnologia se baseava em intuições. Agora com a extensão tecnológica do homem, suas percepções são fora de sua mente coligada, pois ele construiu aparelhos que mediam estas conexões. Assim ele, o homem, se *tecnificou* e atrofiou suas vias psíquicas, em prol das vias extra-psíquicas: objetos tecnológicos e conhecimentos tecnicistas, evoluídos da ciência pragmática reducionista, desde Newton e Descartes. Assim, com o perdão deste belo trocadilho, Descartou-se a via intuitiva, mantendo a externa fragmentada.

Extra-fora do Labirinto? (parte 5)

Mas, e daí? Daí que, em primeira instância, o homem descuidou de seus semelhantes, pois o que sempre tem vingado (embora diminuído um pouco atualmente) é a resposta rápi-

da, sem reflexão dos resultados. Assim, sem ter uma política social real, as pessoas são atiradas à própria sorte: se conseguem emprego, se mantêm-se na sobrevivência, se não, tornam-se párias (mendigos e assaltantes).

Mas fomos nós mesmos que os criamos. Somos nós os culpados, e agora se explica o tal carma: tudo o que se faz, traz conseqüências (efeito "borboleta"), e se somos egoístas, o desequilíbrio pede "escravos", que pedem matéria-prima, que escoa a natureza, que se fragiliza e se desconstrói, e repercute no orbe: tempestades, terremotos, pragas etc.



Assim, enquanto poucos se beneficiam, muitos se conglomeram numa vida paupérrima e com todos os males os atingindo, ribombando em suas mentes e deprimindo-os... Essas energias negativas tomam acesso nas cidades e se juntam com outras negativas egóicas, e, num efeito gigantesco, dialogam com as fases cósmicas, causando distúrbios incomensuráveis na mente do homem, no planeta (e além).

O homem, totalmente desequilibrado, sabendo intuitivamente que não vive como deveria, passa a criar “métodos” de resgate a seu prazer; de início pequenos desvios, depois imensos. Basta exemplificar: um funcionário de uma loja, “preso” a ela por seis dias na semana, pela manhã e à tarde, sem exercer sua vida (criatividade fluída), passa a “desejar” um futuro a cada instante. Assim, as bebidas, a droga e o sexo inconsequente resultam como principais fontes facilitadoras de escape de uma vida abortiva. Num processo alucinado, milhões de pessoas geram outros tantos sem que este seja seu objetivo. Estes recém-nascidos, não tendo pai (e nem mãe madura), acabam por ter transtornos psíquicos e no futuro serão mais desregrados ainda, num efeito fractal e de bola de neve in-

contestável. Assim, formamos a destruição de todo este sistema, para breve.

Este funcionário da tal firma não exerce sua vida: é antes um robô que tenta a todo momento se conter. Mas sua mente criativa pede que ele se libere, que ele seja coautor da vida cósmica. Mas ele, se abstendo disso, desvia sua energia para alguns momentos em que ele, elegendo por opção única, tem acesso. Ele não pode criar, está sob contratos racionais que estipulam seu trabalho: deve vender produtos para pessoas, a fim de sustentar uma firma, patrões, sistema financeiro, país... em nome de não se sabe o quê, pois a vida em si não é o alvo principal.

Como um espirro, seu ato sexual aflora a ejaculação no útero da mulher, sendo que, em muitos casos, nenhum dos dois se vincula conscientemente ao ato em si, como algo vivo e criativo: em uma instância, há vários padrões de relacionamentos, e em geral neste não há um carinho-amor (esta palavra composta significa uma coligação da mente-homem com o universo, numa forma que poucos homens sabem traduzir: talvez o mais próximo seja o sentimento do ser humano em relação à sua prole, quando esta é uma criança).

E assim, com todos estes quadros pa-

tológicos, caminha a humanidade.

Não há psicólogos, psiquiatras, médi-cos, nenhuma profissão que possa ser verdadeiramente útil. Como criamos um mundo alucinado, criamos aciden-tes dantescos, principalmente em veículos de rodas. Nesses casos, há urgências médicas. Mas me refiro que são paliativos: remenda-se a máquina humana para continuar sua insani-dade.

Como se pode viver sabendo disso? Como se pode viver sabendo que não há volta, nem que há como se reparar isto? Ainda mais se levamos em conta o efeito-borboleta (carma), e se percebermos que isso decorre de milênios? Nas estruturas psíquicas do homem já não há mais retorno. E ele não pode mais abandonar este estilo de vida, ainda mais com as megaló-poles e empresas coligadas pelo mundo, principalmente pelas infovias da *Internet*.

Como retornar ao puro e aprender a viver assim?

A resposta, então? (última parte)

A resposta talvez esteja nesta própria mente-humana e em suas novas observações: se a física quântica nos avisa que a mente é algo além do que parece, se o planeta começa a ter seu eixo cada vez mais inclinado e o tempo acelerado[5], e

se outras coisas começam a despertar no homem, não seria possível uma nova conformação psíquica? Mas, haverá tempo? Veja as favelas e o caso das que se incendiam[6]. Eu fui ajudá-los? Não. Me refugiei, e com culpa, resolvo escrever isto.

Os governos farão algo? Quanto maior o degrau na (falsa) politização, mais mancomunados com outros objetivos estarão os políticos, os homens de negócio, etc.

Parece-me que a resposta será apenas uma revolução na mente humana. Mas esta não vai se dar sozinha. Ou vai, com auxílio de espargimentos: eu começo a pensar assim, isso passa para outro, etc. (o efeito meme, de Richard Dawkins, ou campo morfoge-nético, de Rupert Sheldrake). E um seguinte que já está pensando assim, espalha suas sementes mentais por outro modo[7], que também faz o trabalho, espargindo aos demais.

E de repente, desperta-se do sonho!
Será?

A vir.

Pós-labirinto (*post scriptum*)

Este p.s. vale a que eu insira algo que nunca havia escrito: em minha adolescência, dos 16 anos, aproximadamente, portanto, na época do antigo colegial, comecei a me aperceber chateado, entristecido, por vezes,

sem saber o que eram aqueles sentimentos. Daí em diante, conforme fui atingindo a maturidade, fui me dando conta das mazelas humanas, dos tormentos pelos quais passam as pessoas, sejam de ordem física e/ou sensorial, sentindo em mim isso tudo. Fui percebendo a pobreza que grassava, espiritual principalmente, nos programas televisivos; fui vendo os sofrimentos das pessoas nas ruas, nas cidades, principalmente as que não tinham lares e/ou alimentos e/ou abrigos! Lembrando que quando eu era menino, perto de meus 8 a 11 ou 12 anos, eu percebia como as pessoas reagiam nas conversas e em seus estados psicológicos. Não sei explicar como, mas eu sabia. Tanto que eu conseguia antever reações de amigos e amigas, quando, por exemplo, um direcionava a fala a outrem: eu sabia qual era a reação da outra, do outro. O engraçado é que, sabendo disso, eu pensava que tinha que me adequar às falas e aos pensamentos deles; senão, não haveria porque eu conversar, já que eu percebia uma certa inutilidade nas conversas – talvez por sabê-las que não traduziam o interno psíquico real de cada ser humano, de cada um de nós. Isto, ao que parece, era uma espécie de consciência acerca do fenômeno humano que fa-

zia parte de mim. Por isso, na adolescência e depois, passei a ser muito sensível aos males que acometiam a humanidade! Assim aconteceu por todo meu período inicial como adulto – o que influenciou na elaboração de minhas HQs poéticas (ou fantástico-filosóficas), certamente! Então, tais escritos que vocês leram antes deste *post scriptum* (que está sendo elaborado agora em 2022, após eu reler os textos acima, d'antanho), claramente têm a ver com a fase final de anos atormentado pelos tormentos de toda a humanidade! E que, durante meu doutoramento principalmente, acabei desviando o foco e me tornando mais racional, diminuindo um pouco até de meu pesar sobre o que paira ao ser humano. Por bem, ou por mal, o doutoramento me fez estudar mais racionalmente as mudanças paradigmáticas do pensamento científico cartesiano ao quântico, e também um pouco sobre a formação mental e o cérebro humano.

Creio que este p.s. foi necessário a mim mesmo, para que eu compreenda porque escrevera os textos anteriores, e como eu os repenso na atualidade.

Fica a vocês, leitores, também, à guisa de reflexão!

Abraços a vocês... e ao porvir!

NOTAS

[1] Este texto fez parte de um blog literário-filosófico que desenvolvi em 2004 (e que está fora do ar, mas pode ser visto em sua explicação aqui:

https://web.archive.org/web/20160316165110/http://blogazy.zip.net/arch2004-0222_2004-02-28.html). Embora já houvesse iniciado meu doutoramento (em 2002), eu ainda fazia reflexões não acadêmicas, pendendo às intuitivo-espiritualistas, como neste texto que ora é reproduzido (e revisado) para esta revista de Larissa Dias. Embora alguns pontos do texto possam ser controversos e acientíficos, em alguns casos eu mantenho minha posição, enquanto noutros, possivelmente, eu tenha modificado meu pensamento e paradigma. Preferi, porém, deixar o texto como originalmente foi escrito, retificando alguns erros na escrita e pontuando algum ou outro referencial nos rodapés.

[2] Em meu mestrado eu era mais rebelde em relação ao dogmatismo científico. No doutorado, passei a ser menos “cético” à ciência, por assim dizer. Podem consultar dissertação e tese aqui:

http://tesegazy.blogspot.com/p/blog-page_3859.html

[3] Este pensamento tem influência em teorias da antropologia, baseadas nos escritos de Cristina Costa e seu livro “Ficção, Comunicação e Mídias, de 2002, que usei em minha tese.

[4] Alguma ou outra reflexão aqui é baseada nos livros e palestras de Trigueirinho. Também tenho influências de leituras outras, tanto esotéricas, como acerca de escritos sobre visitas de extraterrestres e afins. Tais leituras, incluindo o Tao – o livro do caminho perfeito, livros de ficção científica, etc., me acompanharam desde o final da adolescência até parte do mestrado. Depois, até hoje, me muni mais de livros atinentes à ciência ortodoxa.

[5] Ressonância Schumann:
<https://gnt.globo.com/bem-estar/noticia/voce-ja-ouviu-falar-em-ressonancia-schumann.ghtml>

[6] Época em que favelas se incendiavam em São Paulo. Muitos ficavam desabrigados, outros perdiam tudo... e, claro, alguns perdiam suas vidas.

[7] Talvez nas artes, igualmente!

O VELHO SÁBIO E A BAILARINA

POR MARCOS FERREIRA-SANTOS

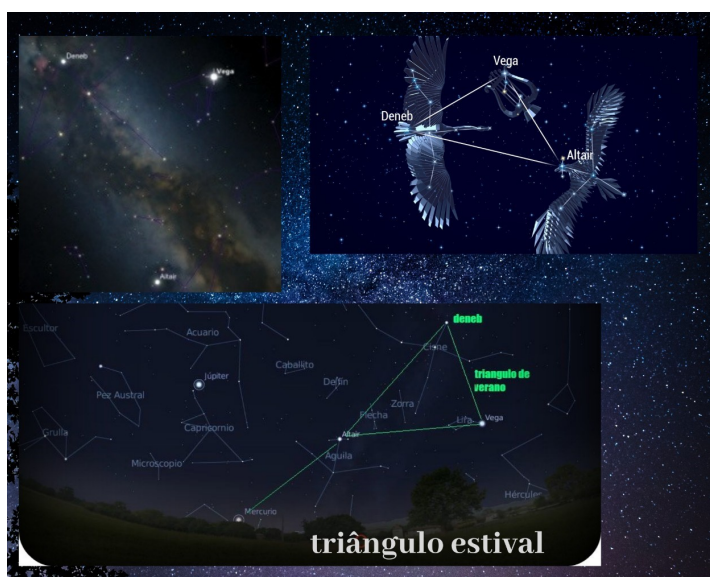
*“O animus lê pouco; a anima, muito.”
Gaston Bachelard.*

Há um festival que as pessoas antigas ainda primam pelas vozes ecoadas do tempo em que as pedras falavam celebrando o reencontro na escrita da dança e na dança da escrita. É o festival de Qi Xi, que dentre as várias matrizes chinesas, também foi incorporado ao universo nihonji (japonês), com o nome de “tanabata”.

O festival relembra o romance entre um jovem pastor cuidador de vacas chamado Niulang (牛郎, que é a estrela Altair) e Zhinü (織女, que é a estrela Vega). Elas formam o “triângulo estival” ou “triângulo de verão”, no hemisfério norte, com um asterismo (ou pseudo-constelação), pois estas estrelas formam parte de outras

três constelações: Cisne (Cygnus), Águia (Aquila) e Lira (Lyra).

Quando pastoreava nas proximidades de um lago, acabou se distraíndo de suas rezas ao ouvir o ruidoso rumor de risos femininos. Aproximou-se do



lago, escondido atrás de uma árvore e viu sete deusas banhando-se nas águas, com alegria, brincando umas com as outras. Eram sete irmãs.

Um dos bois que fazia parte de seu rebanho se aproximou de Niulang e o empurrou em direção à margem do lago. Sem saber ainda o que fazer, resolveu apanhar os *yifu* (vestimentas) delas e voltou a esconder-se atrás da árvore. Quando as deusas se deram conta de que suas vestimentas haviam sumido, escolheram a *mei-me*, (a “irmã mais nova” ou “noiva amada”) Zhinu, para que procurasse pelos *yifu*. Então Niulang viu a Zhinu luminosamente nua:

- Creio que isto pertence a vocês, disse ele deslumbrado com a moça, e enamoraram-se imediatamente.

Zhinu entregou as roupas para suas irmãs enquanto ele se virava. No entanto, como ele a tinha visto nua daquela forma, eles teriam que se casar. Ela concordou, e viveram felizes como simples pastores.

Quando as irmãs voltaram, a mãe, deusa do céu, ficou enfurecida com o fato de sua filha mais nova ter se casado com um simples mortal, e a transformou numa estrela (Vega). Ele, desconsolado por ter perdido sua amada, roga aos deuses para que também fosse convertido numa estrela, ao que os deuses concedem,

e ele se converteu na estrela Altair. A mãe dos céus então retirou de seus cabelos o pente que utilizava e criou no firmamento um rio branco para separar os dois, que é a via láctea, a separar as estrelas Altair e Vega.

Entretanto, os pássaros, que se comoveram com a separação dos amantes, criaram uma ponte no céu, *Que Qiao* (鵲橋), para que eles se juntassem novamente. Mas apenas uma noite por ano, na sétima noite do sétimo mês.

O encontro dos amantes nos ares se dá também num acontecimento singular na vida de dois outros míticos amantes chineses, o mestre Liang Shanbo (梁山伯) e a jovem bailarina Zhu Yingtai (祝英台), também conhecida como Lady Chou. Foi durante os dias da dinastia Jin, na cidade de Shangyu, na região de Zhejiang, oeste da China.

Zhu Yi era filha de uma rica família de mandarins, tendo oito irmãos mais velhos. Sendo a única menina da família, era coberta de cuidados e mimos de seu pai. Excelente bailarina, girava no ar como se as mangas de água do seu *yifu* (vestido) fizessem parte das nuvens no céu. Seus pés pequenos salteavam e pisavam o solo, como se uma garça pousasse sobre as águas vendo o seu reflexo. Ao som dedilhado dos *pip'a* (mando-

lina chinesa) e dos *er'hu* (violino vertical de duas cordas), sob o arco preso numa das cordas, tangenciava o corpo da pequena Zhu Yi, como se vibrasse com a música que percorria os longos corredores do palácio. Como uma gigantesca serpente branca que ondula seu corpo em harmonia com os sons, seus olhos negros e esguios na face de tez tão nobre concorriam em brilho com o jade das pedras de seu colar. Mas Zhu Yi, a dama de jade, sentia que lhe faltava algo.

Certa vez, seu pai perguntou-lhe o porquê de tanta tristeza naquele olhar, longínquo sobre o nada da angústia sobre as águas do lago Didan, ao que ela respondeu:

- Ainda que seja feliz aqui, meu pai, eu queria saber ler o que as palavras guardam na sua dança de poesia.

O pai estranhou o comentário da filha e lembrou-lhe que não cabia às mulheres saber da escrita, ofício e privilégio dos homens sábios que sabem da dança do pincel sobre o papel para gravar o movimento da palavra em sinogramas, que guardam para a eternidade o som e a dança dos pensamentos aprendidos de Tsang-kie.

Tsang-kie ou Cangjie (倉頡) é o deus celestial que possui quatro olhos, enxergando assim as coisas em sua

essência, atrás de sua aparência normal, uma longa cabeleira negra e o corpo revestido por um manto de penas de pássaros.

Angustiado com o fato de que as pessoas antigas morriam solitárias antes de partilhar o que haviam aprendido com os deuses ancestrais, bem como com a limitada capacidade dos humanos de ler o que está escrito na natureza, resolveu marcar as pedras com sinais, usando um líquido negro na ponta de seus cabelos.

Cada movimento da ponta de seus cabelos acompanhava o espírito daquilo que estava sendo escrito. Este líquido negro era resultante de um pó muito fino de carvão, misturado com goma, criando uma película que não se apagava facilmente com a água da chuva. Assim o espírito das coisas seria traduzido naquela escrita. Como o líquido especial era da região da capital do sul, Nanjing (nan, sul; e jing, capital), ficou conhecido como nanquim. Quando os deuses viram o que Tsang-kie havia criado, eles choraram emocionados.

Como a vida palaciana sempre interfere na compreensão das coisas da natureza, Huang Di, (黃帝) que teria reinado entre 2697 a.C. a 2597 a.C., era um dos três augustos imperadores sábios, e grande ancestral da etnia Han. Teria sido ele alguém com

inteligência fora do comum, bastante preocupado com a condição humana, as questões existenciais e a saúde, tendo assinado o primeiro tratado de medicina chinesa (O clássico do Imperador Amarelo), resultado de suas conversações com os médicos eruditos da época, além de introduzir o taoísmo de Laozi, (Lao-Tsé), a escrita sinográfica, o calendário e a astrologia chinesas, a geomancia do feng shui, entre outras heranças chinesas para a humanidade. Seu historiador oficial era Ju Song, que geralmente se confunde com a figura mítica de Tsang-kie, sendo ambos conhecidos como os inventores da escrita chinesa sinográfica. Também, para fazer jus ao deus, se deu o seu nome a uma borboleta: Teratozephyrus tsangkie, poderosa dispensadora dos ventos.

Não conformada com a situação, Zhu Yi insistiu várias vezes. Queria ter o mesmo domínio que dizia o pai ser privilégio apenas dos homens. Seu pai, irritado com a insistência, respondeu-lhe de maneira áspera e certo de que ela desistiria do intento:

- Somente se te disfarçares de homem poderias aprender!

Zhu Yi nem hesitou. Concordou de imediato com as condições impostas pelo pai, que, diante do inusitado, não teve como discordar ou voltar

atrás em suas próprias palavras. Ela pegou várias roupas de seus irmãos e foi escolhendo o que melhor ficava nela para disfarçar-se bem. Tinha que deixar de lado seu andar bailarinha, tentando imitar o andar mais duro masculino. De toda forma, entusiasmada com a possibilidade de conhecer as palavras pelos ideogramas e os poetas antigos, começou a pensar com quem ela estudaria.

Não havia muitos mestres, porém, um nome de súbito lhe veio à alma: o mestre Liang Shanbo. Ele ensinava em Hangzhou. Sua fama percorria a fala daqueles eruditos que Zhu Yi admirava. Era chamado de o jovem boi, em referência a Laozi e sua montaria predileta. Sim, teria que ser com ele. O pai concordou com a escolha e não teve mais o que fazer senão desejar-lhe sorte e todo o cuidado para que ninguém descobrisse o subterfúgio que poderia ter a morte como penalidade.

Depois de uma longa viagem de dez dias pelos vales montanhosos entre Shangyu e Hangzhou, Zhu Yi chegou ao jardim de mestre Liang Shanbo. Seu ar compenetrado não deixou de lado o leve sorriso simpático ao receber o novo estudante:

- Eu sou Yingtai, da família Zhu, disse a moça disfarçada de aluno.

Porém, seus lábios cor vermelho ru-

bi abrindo-se ao descortinar os dentes como pérolas guardadas num tesouro, deixou o mestre intrigado.

- Sou o *zhuren* [mestre] Liang Shanbo.

Em seguida, mostrou-lhe o *pagode*. Convém lembrar que “pagode” é a transliteração da palavra chinesa *bā jiǎo tǎ*, significando literalmente “torre de oito cantos”, uma típica forma arquitetônica oriental (China, Japão, Korea, Índia, Nepal) com dois ou mais telhados quadrados sobrepostos e encimados por uma haste, em geral com uma flor de lótus na extremidade. Portanto, que não se confunda com o ritmo musical de mesmo nome.

O mestre Liang Shanbo mostrou-lhe os seus aposentos e os locais de estudo e treino da caligrafia sob os pendões cor de ouro de velhos salgueiros. O mestre nada desconfiou dos trejeitos afeminados do novo aluno. Ao contrário, durante sua convivência com o jovem aluno, sua simpatia aumentava e um sentimento contraditório crescia em Liang Shanbo, pois além de ser excelente estudante demonstrava grande aptidão para as reflexões, para a escrita e fazia questões pouco convencionais, sempre com outro ponto de vista. Liang Shanbo pensava consigo mesmo que sob a aparência tão juvenil daquele rapaz haveria uma velha al-

ma que mais do que rapidamente aprendia o que Liang lhe dizia, e ele próprio aprendia com o jovem discípulo. Num final de tarde, quando caminhavam no Lago Oeste e o manto rubro do crepúsculo já anunciava o clarão da lua cheia, eles viam as pessoas acenderem milhares de velas dentro dos pagodes nos Três Lagos Espelhando a Lua. Liang Shanbo disse ao jovem estudante que ele lhe parecia mais virtuoso do que os três Zhang juntos: Zhang Zai, Zhang Xie e Zhang Kang, grandes poetas e filósofos. Propôs então ao jovem estudante que eles fizessem os votos de irmandade. Zhu Yi já apaixonada pelo mestre não escondeu a alegria da proposta. Foram até a ponte de madeira para o Pagode do Meio do Lago, pegaram então um punhado de terra do chão e queimaram junto com incensos aromáticos. Fizeram os votos sob a névoa perfumada que se erguia: a partir dali, embora não fossem irmãos de sangue, passariam a ser irmãos de alma. Um protegeria o outro, eles seriam confidentes, compartilhariam o destino e uniriam suas vidas de forma fraterna.

Depois de três anos, novamente no Lago Oeste, compartilhavam um chá na Vila Guo, enquanto miravam a água tranquila do lago. Era primavera,

e foram assistir aos apanhadores de chá nos campos em Longjing. Foi quando Zhu Yi lhe contou de uma carta recebida de seu pai, pedindo que retornasse o mais breve possível. Pensou em lhe contar a verdade sobre sua identidade, mas não conseguiu. O pesar da separação tornou-se maior sobre os dois. Mas eles se lembravam dos votos de irmandade como forma de não perderem os vínculos entre si.

Depois de tristemente recolher suas coisas, Liang Shanbo acompanha o irmão de alma ainda por um determinado tempo no retorno a Shangyu. Zhu Yi, sem ter coragem de falar francamente, sugere a Liang Shanbo que ele, seu irmão de alma, talvez não fosse exatamente o que ele pensava.

No velho templo de Lingyin, rodeado por tantas flores de lótus, aquelas que nascem na lama e com esguia haste florescem em meio às largas folhas verdes, continuou procurando formas de contar a verdade ao seu amado.

- Já percebeste como parecemos yuan-yang, patos mandarim brincando na água? O macho colorido de bico alaranjado e a fêmea acinzentada. Tão diferentes, mas fiéis, são pares para sempre. Não achas?

Liang Shanbo achou aquilo estranho

e não conseguiu entender a insinuação de Zhu Yi. Perdendo a coragem de dizer a verdade, lhe ocorreu uma alternativa, então propôs:

- Zhuren, tu estás tão sozinho aqui... Eu creio que te casarias bem com minha irmã. Vou arranjar tudo para vocês. Venha ver-me e te apresentarei à minha irmã, e verás como serás feliz!

Ele ficou sem entender muito bem a razão de tudo aquilo. Apenas sentia a tristeza de não poder ver mais o irmão de alma por tanto tempo. Ao chegar a Fujian, eles se despediram no pagode de Changting.

Meses depois, quando Liang, saudosamente, vai visitar o seu "irmão de alma" Zhu Yi, ao se apresentar como o mestre de Hangzhou ao pai dela, aguardou na varanda com uma xícara de chá. O pai, sem saber o que fazer naquele momento procura por Zhu Yi pela casa toda. No mesmo momento, ela chegava com seu irmão, vindos da feira local, e quanta não foi a sua surpresa ao ver finalmente o seu amado ali na sua varanda, entre os salgueiros. Liang Shanbo não acreditou no que viu. Seu "irmão de alma" era, na verdade, uma mulher.

Agora sim ele começava a entender os sentimentos que cresciam em seu coração e arrebatavam sua alma. Não sabia o que dizer e nem o que fazer,

sentindo o perfume de lótus e almíscar que emanavam de seu pequeno corpo, adornado por formoso *yifu* de seda reluzente.

Ela simplesmente retirou um dos colares que tinha em volta de seu esguio pescoço e lhe deu. Era um colar com um pingente de jade, assim como os outros colares que sempre usava. Era um sinal de noivado entre os dois. Não sabiam o que dizer. Nenhuma palavra poderia ser bastante além do silêncio do reencontro e da revelação.

No entanto, a alegria e o regozijo de sua terna união, que se manifestava no silente e delicado beijo que se sobrepunha ainda ao gesto de Zhu Yi ao colocar-lhe o colar com o pingente de jade, foi interrompido pela entrada abrupta do pai de Zhu Yi. Lamentava tudo o que havia acontecido, mas o fato era que Zhu Yi já havia sido prometida para a família Ma, e não haveria forma de anular o vínculo já estabelecido entre as duas famílias. Esse era o motivo da urgência que estava na carta que Zhu Yi havia recebido.

Liang Shanbo, desgostoso, se retirou, como lhe caberia naquele momento. Zhu Yi ainda tentou impedi-lo, mas o pai a segurou ali na varanda, deixando que ele se fosse. Seria melhor assim.

Não quis regressar a Hangzhou, pois cada fio de água, cada aroma de flor, cada ponte de madeira, árvore reclinada, montanha altiva e pôr de sol tinham a face e o perfume de Zhu Yi. Foi para Yin. Por sua reputação, lhe foi oferecido o cargo de magistrado, e ficou por ali mesmo. No entanto, a tristeza lhe consumia o coração e o fígado. Sua desesperança lhe turvava a mente. O destino não lhe deixava momento de paz que pudesse usufruir sem a companhia de Zhu Yi. Adoeceu.

Nesse ínterim, os preparativos para as bodas de Zhu Yi com o jovem Ma Jun foram realizados com esmero e abundância. A única filha mulher teria o casamento que convinha à sua posição. Zhu Yi, também triste e sem vida, se resignava ao destino, perdendo todo seu brilho. Já não dançava mais. A música lhe fugira, seguindo os passos de seu amado Liang Shanbo.

O velho mestre não resiste, e embora tenha tentado ajudar as pessoas na região, falece logo em seguida. Zhu Yi, proibida de ir ao seu funeral em função do casamento próximo, se dilacera de remorso por não ter dito nada antes e ter permitido que aquela tragédia se instalasse em suas vidas.

Veio o dia do casamento do jovem Ma e de Zhu Yi. O cortejo do casamento se alongava da casa de sua família até a cada da família Ma, para as núpcias. No entanto, no meio do caminho tinham que passar na frente do cemitério onde jazia o corpo inerte de Liang Shanbo. E Zhu Yi não conseguia pensar em outra coisa a não ser em seu bem-amado.

Quando o cortejo estava bem na frente do cemitério, começou uma forte ventania que todos estranharam, pois o dia havia amanhecido lindo e radiante. As nuvens rapidamente se aglomeravam, e a ventania se desdobra num tufão que tudo revirava no povoado. Com forte estrondo, a lápide que estava sobre a cova de Liang Shanbo se abre, indo parar longe dali, como se a pedra fosse apenas uma folha ao vento. Todos, admirados com o extraordinário do fenômeno, pararam de estupor.

Apenas Zhu Yi não se sentia atemorizada. Sabia em seu coração que aquela seria a chance de cumprir o voto que haviam feito com o punhado de terra e a fumaça dançante do incenso ao vento. Desfez-se dos paramentos que conduzia como noiva, saiu rapidamente do cortejo e correu em direção à lápide de seu enamorado. E então, de súbito se ati-

rou aos braços de Liang Shanbo, em sua cova. Para sempre ficariam juntos e abraçados.

Antes mesmo que alguém no cortejo pudesse pensar em alguma coisa ou tentar retirá-la da cova, o tufão amainou. A ventania se fez leve brisa. Um frescor de flores de lótus invadiu o ambiente e uma tênue luz clara irrompia no horizonte.

Quando olharam novamente para a cova que abrigava os corpos de Liang Shanbo e da desesperada Zhu Yi, nada mais viram, a não ser um par de borboletas que saiam da cova e se volteavam uma em torno da outra, alçadas ao céu pela brisa que as conduzia. Na cova não havia nada mais do que o pó. Eram Liang Shanbo e Zhu Yi, transformados e finalmente juntos. Os amantes-borboletas.

Temos aqui narrativas que ressoam a busca incessante do equilíbrio dinâmico e constante entre o espírito de animus e a alma de anima no interior de qualquer pessoa, seja ela homem, mulher ou andrógino. Não se reduz ao corte simplista de gênero ou sexo e nem ao registro civil. Bachelard (1988, p. 63) nos diz que Paul Claudel (1868-1955), o poeta-diplomata francês que, coincidentemente, foi diplomata em várias cidades na China entre 1895-1909, nos dá uma noção mais interessante sobre esta dialética

entre *animus* (espírito) e *anima* (alma). Diz ele que *animus* é um burguês, tem hábitos regulares; gosta que lhe façam os mesmos pratos. Mas, um dia em que *animus* voltava sem ser esperado, ou talvez dormitasse após o jantar, ou estivesse absorvido por seu trabalho, ouviu *anima*, toda entregue à sua solidão, cantando atrás da porta fechada: uma canção estranha, algo que ele não conhecia.

Equilíbrio dinâmico que não exclui o conflito. A tentativa de encontrar o *tao* (o caminho) pelo equilíbrio dinâmico entre *yang* e *yin*. Ou ainda, como diziam os alquimistas, o coito entre o rei e a rainha. Numa concepção ampliada de pessoa que abarca a própria natureza, ela se expressa nas imagens de transformação: a borboleta, o dragão, o cavalo, a ponte, as estrelas, a mulher travestida de homem, a cova que se torna berço. Sua imagem matricial de árvore se revela, ao mesmo tempo, mãe (*oikós*), amante (*philia*) e sábia (*sophia*), porém em momentos distintos, a depender da capacidade do outro de vislumbrá-la e dialogar com ela. A que possibilita a transformação, assim como a pedra se converte em jade ou diamante. Ou mesmo a pedra rubi na cabeça da salamandra *teiniaguá*, que vai gerar com o sacristão, na mistura híbrida da

coincidentia oppositorum de mel pagão e vinho santo, a gente guapa e sábia do sul.

A pomba, assim como os pequenos pássaros (o colibri ou beija-flor, por exemplo) e, em especial, a borboleta, tem valores simbólicos muito próximos em várias narrativas míticas pelo que condensam do fenômeno da transformação. Neste sentido, estão, geralmente, associadas à psique, à alma, à *anima*. Como ocorre no mito grego de Eros e Psiquê, é através da experiência arrebatadora do amor que a alma toma consciência de sua própria natureza (não sem atravessar inúmeras dores e provações) e toma contato com o sagrado, sendo Psiquê levada pelos ares ao Olimpo por Hermes, para reencontrar seu amado Eros.

Uma leitura apressada a vê sendo alçada aos céus. Na verdade, ela mergulha, transformada à sua substância primordial nas águas. A *teiniaguá* evidencia isso com mais força, em sua imagem saindo da lagoa dos Patos para salvar o sacristão amado da força e irem para a furna do Jarau.

A *anima*, princípio do nosso repouso, é a natureza em nós que basta a si mesma, reafirma Bachelard. Rémy de Gourmont (1858-1915), poeta simbolista e estudioso da literatura medieval, estudando à sua maneira,

com mais cinismo do que poesia, a física do amor (1903), escreve: *O macho é um acidente; a fêmea bastaria.*

O voo de Psiquê, que se desdobra nas imagens ressonantes da pomba que se desloca no ar e sua pertença ao domínio doméstico dos lugares habitados (praças, casas, bosques), nos apresenta o voo da própria alma que toma consciência de si. O mesmo movimento musical dos arrulhos e rufar de asas que também se desdobra nas imagens metamorfoseantes da lagarta empupada em sua crisálida e que se liberta da casa provisória para alçar voo com suas novas asas coloridas, agora como borboleta ou mariposa. O mesmo acontece com o bicho-da-seda, mescla híbrida de princesa e cavalo. Na cordilheira dos Andes, na cultura quéchua, o pronome de tratamento para a amada, para a namorada, é *urpi*, ou ainda no diminutivo espanholado, *urpillitay* que significa, carinhosamente, “minha pequena pombinha”.

Mi verso es una paloma que vuela para encontrar

Estalla y abre sus alas para volar y volar

“Mi canto”, Victor Jara, 1971

Mensagem dionisíaca sobre a natureza do canto, que, pela pomba condutora das mensagens (hermesiana), como consciência de si (psiquê / *anima*), nos sinaliza a esperança. Aquela mesma que surpreende o *animus* de Paul Claudel ao ouvir, desde a cozinha, o canto desconhecido de *anima*. Não seria exatamente esta a função que Durand preconiza ao imaginário: equilíbrio antropológico através da esperança?

Numa palavra: jactância. Jorro vívido de uma existência, a um só tempo, que escorre e dura; ocupa um espaço e um tempo crepusculares, tal como a chama da vela que escorre para o alto, como nos sugere Bachelard em seu derradeiro livro de um fazedor de livros, *A Chama de uma Vela: comunhão do tempo de anima com o tempo de animus*. Gostaria de sonhar com o tempo, na duração que escorre e na duração que voa, se eu pudesse reunir em meu cubículo imaginário a vela e a ampulheta.

Sugere ele que fiquemos mais com a fantasia das imagens da intimidade (em *anima*) do que na inteligência dos sonhos estudados (em *animus*). De qualquer forma, que tentemos a comunhão destes tempos, vertiginosamente sonhados no escorrer da ampulheta e no voar da chama da vela. Isomorfos, a ampulheta e a vela,

ambos segredam um universo múltiplo e simultâneo. O tempo da espera se converte em espaço de transformação, e o ser se descortina: é o despertar do ser no devaneio morno da consciência, no claro-escuro que permite o trânsito, o trafegar entre as dimensões do que era, do que é e do que virá a ser, golpe a golpe, verso a verso. O que o ser espera é o seu próprio despertar em algum momento e espaço entre as penumbras da memória e as silhuetas do devir, na escorrência do tempo-espaço crepuscular, onde o panorama, ainda seguindo o velho mestre, não sugere um panorama, mas uma ação.

É aqui que a ação de despertar o próprio ser assume o valor mítico da abertura a uma dimensão que nunca mais se fechará, se revela iniciação pelos mitos fundadores, mas, no cubículo de um sonhador os objetos familiares tornam-se mitos do universo. A vela que se apaga é um sol que morre. A vela morre mesmo mais suavemente que o astro celeste. O pavio se curva e escurece. A chama tomou, na escuridão que a encerra, seu ópio. E a chama morre bem: ela morre adormecendo. Todo sonhador de vela, todo sonhador de pequenas chamas sabe disso. Tudo é dramático na vida das coisas e do universo.

Morrer adormecendo, abraçado ao pavio e à escorrência, é o destino mesmo da vela e da ampulheta. A primeira, curvando-se no pavio que escurece. A segunda, mergulhando nas profundidades. Não cai, desliza. Daí a imagem profunda da cova onde a amada se entrega ao amado já falecido para jazerem juntos como na paixão de Liang Shenbo e Zhu Yi. A transformação somente se opera depois. Mesmo na bela imagem de Qi Xi, os amantes feitos estrelas e separados pela Via Láctea, com a compaixão dos pássaros, formam uma ponte onde se encontram nas profundidades do buraco do céu noturno.

Não nos deteremos nos problemas de desajustes entre *animus* e *anima*, destes quatro seres dentro de um casal, o devaneio sempre nos abre a possibilidade de abstrair-nos dos dramas conjugais. Uma das funções do devaneio é libertar-nos dos fardos da vida, relembra Bachelard uma vez mais.

Esta *anima* que jaz no coração guerreiro dos heróis, adormecida em sua educação cavalheiresca, quase esquecida, é aquela que o chama desde o interior da floresta escura ou das profundidades da caverna. Mesma *anima* que dormita no coração das mulheres enquanto se dispersam no

mundo das ilusões ou nas exigências do predomínio masculino. A mesma voz do interior da floresta escura ou da profundidade das cavernas chama por ela também.

Aquela a quem chamam *La Mujer Grande*, *La Loba* ou *La Huesera*, a mulher dos ossos, como bem recopiou Clarissa Estès. *Aquela que sabe*. Sem o contato com este arquema da mulher selvagem expresso na *anima*, as mulheres não ouviriam sua própria alma, teriam sua visão íntima obstruída, o tédio paralisante ou vertigens ilusórias que lhe retirariam a segurança e lhe calariam no silêncio subserviente. Estéril e com seus instintos e ciclos naturais perdidos, a mulher sem o convívio e o diálogo com sua *anima* está à beira do abismo.

Por mais que seja humilhada, proibida, silenciada, podada, enfraquecida, torturada, rotulada de perigosa, louca e de outros depreciativos, ela volta à superfície nas mulheres, de tal forma que mesmo a mulher mais tranquila, mais contida, guarda um canto secreto para a Mulher Selvagem. Mesmo a mulher mais reprimida.

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural

Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só
Eu não me vejo na palavra
Fêmea: Alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
grupo “francisco, el hombre”: lute, 2018

Juliana Strassacapa, “Francisco, el hombre”, 2016. Fonte:
<https://www.youtube.com/watch?v=lK mYTHgBNoE>

Diz Clarissa Estés que uma mulher saudável se assemelha muito a um lobo: robusta, plena, com grande força vital, que dá a vida, que tem

consciência do seu território, engenhosa, leal, que gosta de perambular. Entretanto, a separação da natureza selvagem faz com que a personalidade da mulher se torne mesquinha, parca, fantasmagórica, espectral. Não fomos feitas para ser franzinas, de cabelos frágeis, incapazes de saltar, de perseguir, de parir, de criar uma vida.

Exatamente como a mulher dos ossos, mulher-loba da mitologia mexicana que recolhe os ossos que encontra pelos riachos, planícies, vales, e os guarda em sua caverna. São ossos de corvos, veados, serpentes e outros lobos. Quando os tem completos, os remonta ao calor de uma fogueira e entoia uma canção apropriada. De seu canto, a criatura que era apenas ossos remontados começa a ter carne, pelos, penas, garras, e a canção vai sendo entoada com cada vez mais vigor. Então a criatura renasce e sai correndo para sua nova vida. Sob o sol do crepúsculo, quando se trata de um lobo renascido, ele se transforma em uma mulher. Essas mulheres que correm com os lobos, e como lobos teriam na figura da velha anciã aquela que sabe, da tradição kiché (México e Guatemala), a ancestral maior, pois todas as mulheres nasceram das rugas da divina sola do pé dela.

O mesmo ocorre com o homem que ignora a sua *anima*. É um cego atordado, empunhando uma espada sem saber o que faz ou a quem serve.

Os ossos são as pedras do corpo humano, assim como as pedras são a ossatura da terra. Estrutura pulsante do corpo da mãe-terra, nossa casa (*oikós*). Pablo Werá, cacique guarani, afirma: “depois de fundir-se o espaço e amanhecer um novo tempo, eu hei de fazer que circule a palavra-alma novamente pelos ossos de quem se põe de pé. E que voltem a encarnar-se as almas, disse nosso Pai Primeiro. Quando isso acontecer, Tupã renascerá no coração do estrangeiro; e os primeiros adornados novamente se erguerão na morada terrena por toda a sua extensão.”

Condição de pôr-se de pé sobre a terra, pedras dos ossos sobre os ossos da terra, assim circula a palavra-alma, a *anima*, a mulher-lobo, *huesera*, árvore ancestral no *axis mundi*, intermeio entre o celestial urânico e o ctônico telúrico.

De outro lado, a ossatura líquida do mar é sua *anima* em movimento, que faz com que o mar dance no movimento eterno da vida. Mas o tempo trabalha todas as proporções e é trabalhado por elas; o dia, a noite, as estações e as idades não deixam tranquila a nossa androginidade qua-

se equilibrada. Em realidade, o tempo não existe a não ser como espaço. E assim como os espaços podem ser o vazio distante à mercê do geômetra, mas pode ser habitado, vivido, amado, e então, o espaço-tempo (*pacha* em quéchuá) se transforma em lugar. Este espaço-tempo em cada ente humano, o relógio das horas masculinas e o relógio das horas femininas, não pertencem ao reino dos números e das medidas. O relógio do feminino caminha em contínuo, numa duração que se escoia calmamente. O relógio do masculino tem o dinamismo do tranco. Nós o perceberíamos melhor se concordássemos em pôr em franca dialética o devaneio e os esforços de conhecimento, a dialética do masculino e do feminino se desenvolve no ritmo da profundidade. Vai do menos profundo, sempre menos profundo (o masculino), ao sempre profundo, sempre mais profundo (o feminino), nos lembra Bachelard.

As narrativas dizem do testemunho dos momentos-caminhos. A decisão de caminhar e encontrar a sua própria senda é íntima e pessoal. Apenas lembramos com Joseph Campbell (1904-1987) que não estamos sozinhos nesta saga mítica e nem somos originais, apesar de nossa solidão ontológica e o imperativo existencial de criar.

A corporeidade é, então, a base da formação das imagens que afloram no acervo imaginário da espécie humana. Todos os gestos, volitivos ou não, dominantes posturais, respostas reflexológicas, reações emocionais, derivam de *schémes* corporais desenvolvidos pela espécie (unidade vertical) e que vão ganhando matizes específicos em cada lugar geográfico e tempo histórico (variedade socio-cultural). Uma *unitas multiplex*, como sugeriria nosso sapateiro remendão setecentista, Jacob Boehme (1575 / 1624).

Por isso, as investigações, estudos e leituras, no campo simbólico, serão sempre ricas, abertas, reflexivas, sensíveis, sem a necessidade das operações de demonstração lógica ou furor classificatório nas taxonomias recorrentes, mas absolutamente significativas nas ressonâncias e correspondências que tais leituras possibilitam através das jornadas imagéticas, privilegiando, seu incessante movimento e constelação. Num concerto grosso canoro de sopro (em *anima*) e cordas (em *animus*), feito de *fermatas e ostinatos*, tentei abordar estes deslizamentos classificatórios no âmbito dos estudos sobre o imaginário e postular uma forma musical de abordagem dos movimentos da imagem-lembrança sonora, articulan-

do o imaginário como arcabouço e a imaginação como sua operadora básica.

Diante da interdisciplinaridade que este enfoque exige, atualizamos o termo “inconsciente coletivo” pela noção mais aberta e oxigenante de “arqueomemória”, esta memória coletiva da espécie em seus vários matizes, que dialogam com as heranças netamente corporais e aquelas herdadas do complexo simbólico cultural, no constante processo de juvenalização / cerebralização, através das articulações entre os três cérebros (reptiliano, primata e humano), distintos e ao mesmo tempo complementares e de funcionamento simultâneo.

O filósofo ucraniano e um dos pioneiros da antropologia da pessoa, Nikolay Berdyaev (1874-1948), já advertia em 1935, em seu clássico “a destinação do homem: ensaio de ética paradoxal”, que além da herança junguiana, temos a clara concepção de que o ser humano é uma síntese da pessoa e do cosmos, do *Logos* e da terra, do homem e da mulher; é um ser integral, andrógino, ao mesmo tempo solar e telúrico, lógico e elementar. Portanto, percebemos aqui não uma polarização dicotômica entre a *anima* (alma) e o *animus* (espírito): toda avaliação operando uma di-

visão entre dois reinos já é um começo de enfermidade, dizia ele.

Assim, o ser humano é um ser andrógino, o ser humano na construção de sua pessoa nos exhibe um gradiente de matizes entre um e outro, pois ainda que antagônicos, são complementares. Eis o paradoxo ontológico e ético, geralmente esquecido, que degringola em dominações de gênero, explorações, discriminações sexistas, hierarquizações.

Como totalidade, o ser-pessoa, homem e mulher, possui este gradiente de sensibilidade matriz das narrativas míticas e dos ideários, religião e ciência, que separados não nos possibilitam usufruir da complexidade e beleza de sua trama urdida no fluir dos dias em que, face à facticidade dos acontecimentos, se tingem mais numa coloração ou outra, na busca sempre difícil (senão irrealizável) de um equilíbrio conflitual originário e arcaico, a *Ungrund*, como dizia o sapateiro Jacob Boehme. Não se trata, portanto, de uma noção ligada às questões sexistas ou de gênero. Habita tanto o homem como a mulher. Continua Berdyaev, de maneira luminosa:

O princípio masculino é, por excelência, um princípio criador; o princípio feminino, por excelência, é um princípio procriador.

Um de caráter extrovertido e outro de caráter introspectivo, *anima & animus* formam parte de um mesmo processo dinâmico de sístole e diástole da existência.

Então, resulta mais apropriada, e talvez mais facilmente compreensível, minha insistência ao longo dos anos ao me debruçar no estudo ou, simplesmente, no devaneio anímico – mas, ambos sempre comprometidos com a *poiésis*: a criação – considerando o movimento da imagem, pois ela, além do caráter imagético visual, possui um lastro na memória pessoal ou na arqueomemória e se organiza no fio da narrativa muito mais como tessitura e, portanto, possui pulso, duração, ritmo, melodia e *leitmotivs* que se repetem. Em outras palavras: a imagem nunca é apenas imagem. Ela é “*a menudo*”, frequentemente, o complexo indissociável: imagem-lembrança-sonora.

Depois de muito percorrer as estradas e alimentar-se do erro da sua solidão, diria o mestre Elomar, vem o momento de descobrir os desvios e desvãos. Os atalhos a percorrer por quem sabe qual a direção e, precisamente por isso, tem a sorte de encontrar o caminho e não se perder na jornada. A direção, o norte, o oriente, vem do céu estrelado, da lua,

do sol poente, da aurora nascente. A direção é sempre celeste, urânica, descansando na linha do horizonte das utopias. O caminhar é sempre terrestre, ctônico, passo a passo; ou ainda, marinho, netuniano, a remadas ou braçadas. Ou ainda, mais tardiamente na história humana, nos deparamos com o caminhar eólico, querendo imitar os senhores do ar, os pássaros.

Na terra aberta em gramática expositiva de seus veios, fontes, areias, pedras e torrões, em geral, a estrada é senhora dos que já percorreram o caminho. É aberta pelos pés e rodas de carro de boi de quem singra o caminho da terra pelas primeiras vezes. Depois a estrada, de tanto se andar por ela, se perde... e vem a solidão da estrada. Mesmo acompanhado de outros caminhantes e andarilhos. A estrada tem verdade construída e direção certa, apesar de suas curvas e constituição torta. Diz a romancista e médica eurásiana Han Suyin (1917-2012), filha de pai da etnia chinesa hakka e mãe belga:

O amor de um ser ao outro somente se dá entre duas solidões que se aproximem, se reconheçam, se protejam e se confortem uma à outra.

Phosphoros, atributo da estrela da manhã, o planeta Vênus, de *phos*, “luz”, mais *phoros*, “portador”, de

pherein, “levar”. Aquela que é portadora da luz. Além da já despotencializada Afrodite grega aos olhos contemporâneos, é a Chaupiñanka quéchua andina, aquela que convida...

Segundo Gilbert Durand, no México, Macuilxochitl, deus da aurora, é também senhor da primavera, dos jogos, da música, da dança e do amor. Assim, o crepúsculo evidencia suas ligações com o hermesiano psychopompo (condutor de almas), musical e transformador. Na própria retórica de Durand, nos apercebemos da imensa força desta imagem crepuscular:

a aurora de toda criação do espírito humano, tanto teórico como prático, está governada pela função fantástica.

Mas aqui já estamos em plena paisagem vespertina ou matutina. Cognitio matutina, diria o africano Agostinho, conhecimento de D’us no interior da alma. A Vênus matutina, estrela da manhã, *stella matutina*, se aclama com as litanias: *nigra sum sed formosa* (em latim: eu sou negra, mas bela), das virgens negras; no “cântico dos cânticos”, de Salomão para a rainha etíope de Sabah: Malkat Shva; daí também a tradição judaica de se ler o cântico dos cânticos de Salomão no *sabbath* (sábado).

Resulta, num aparte, compreender o porquê da raiz judaica do movimento

rastafári e o leão de Judá em sua bandeira. De acordo com a escritura sagrada etíope Kebra Negast, Haile Selassie (1892-1975), cujo nome de batismo era Tafari Makonnen, provinha de uma linguagem que remontaria ao rei Salomão e a rainha Malkat Shva de Sabah (atualmente Etiópia e Iêmen), sendo o representante de Jeová (*Jah*) na terra. O título de príncipe (*rast*) e seu primeiro nome, Tafari, deram nome ao movimento religioso e social denominado rastafári, cuja expressão maior de seu modo de vida são os cabelos em forma de *dreadlocks* e a música *reggae*.

Shiva, um dos deuses da *trimúrti hindustani*, tem o aspecto andrógino no abraço tântrico em que os duplos se unem numa unicidade musical; na sua forma de Ardha-Narishvara: “O Deus cuja metade é uma mulher”, correlato do *yab-yum*, no budismo tibetano, que é a união sexual do bodhisattva com sua shakti: *yab* é o tempo feminino e *yum* é a eternidade masculina.

Essa sensibilidade das configurações de transformação se apresenta diariamente ao pôr do sol e ao nascer do sol, momentos crepusculares, por excelência, regidos pela lua e pela estrela d’alva. O negro amor das transições – assim também é conhecido o amor entre Krshna e Radha, a *gopi*, a

única pastora das vacas que lhe cativa o coração sagrado, no clássico *Gita govinda* (sec. XII), “cântico do negro amor”, e aqui excertos em tradução do tropicalista bahiano e tradutor do sânscrito, Rogério Duarte (1939-2016):

*Nuvens de chuva estão cobrindo o céu
E negras árvores fechando a mata
A escuridão da noite O atemoriza
"Mandem Radha trazê-lo para casa!"
(...)
Todas Suas emoções ocultas
irromperam
Logo que deparou a face de Sri Radha
Assim como a maré também fica
agitada
Quando surge no céu, radiosa, a lua
cheia.
Após ter esperado com tanta ansiedade
O Seu sorriso abriu quando Ele avistou
Radha*

Outra figura mítica hindustani que consolida nossas intuições crepusculares é Ushas, deusa da aurora, filha do Céu, que faz os deuses acordarem, agirem e se desenvolverem em todas as narrativas dos Vedas. Atravessa os céus num carro brilhante, puxado por vacas ou cavalos vermelhos, é também figura andrógina, mescla o *puer aeternus* e o *senex*, pois é jovem e formosa, renasce todas as manhãs; entretanto, também é velha pois, apesar de todas as gerações, é imortal.

É ela que acende as chamas sacrificiais e permite aos pássaros voarem quando a noite cai. Dissipa as obscuridades deixando ver entre as dobras de suas vestes todos os mistérios e tesouros ocultos, pois não é apenas a mãe de todas as verdades, mas a própria verdade (*sunrita*). Ora aparece na iconografia como uma bela e deslumbrante virgem dançarina, toda ornada de joias, ora como uma adolescente que sai do banho.

Correlato da Éos grega (“aurora”), a deusa rhododaktilos (dos dedos cor-de-rosa), a aurora, alba, crepúsculo matutino, que descortina o véu da noite anunciando o outro dia. Deusa raptora das almas leves: crianças e poetas. Deusa que rege as ereções matutinas dos homens.

Éos é aquela que antecipa o carro solar de Apolo. A deusa amante, raptora de jovens amores, castigada por Afrodite para ser sempre insatisfeita. Filha de Hiperión e de Téia, irmã de Hélio (o Sol) e de Selene (a Lua), faz parte da primeira geração dos Olímpicos, mãe dos ventos Bóreas, Zéfiro e Noto. No cortejo de seus raptados estão o gigante Órion, Céphalo e Titono, entre outros. Com relação a este último, Éos suplicou a Zeus que o tornasse imortal, mas esqueceu-se de pedir que lhe desse também a eterna juventude, e assim

Titono envelheceu tanto que transformou-se numa cigarra dessecada. O caráter erótico dos rap-tos é evidente, mas ela não rapta apenas jovens *efebos*, mas também os *eídola* (fantasmas) dos mortos, pois a aurora é a região limite entre a vida e a morte.

Seu caráter de *psychopompa* dos amantes a faz *rhododáktylos*, a "deusa dos dedos cor-de-rosa", como a chama Homero. Os gregos faziam as exéquias e funerais somente à noite para não macular o dia e, sobretudo, porque "nas asas da manhã", Éos conduziria o morto por amor ou atração sexual, principalmente *efebos* e adolescentes, leves demais para que Thanatos ou Hipnos os carregassem, como nos ensina Junito Brandão (1924-1995).

Seu sentimento epíteto é *póthos* (desejo, saudade, o amor ausente), dolorido e cáustico sentimento de nostalgia, desejo de rever e amar seres ausentes, amores que se foram para além-mar ou para o reino de Hades, elemento primordial das lamentações. Segundo os poetas Arquíloco de Paros (séc. VIII a.C.) e Alcman de Sardes (séc. VII a.C.), é o sentimento que pode levar à morte e o mais possante desmembrador, dilacerador, mais ainda que Eros.

O *póthos* pode ainda, durante o so-

no, evocar os *eídola* dos que desceram ao reino de Hades. Mas, como diz Epicuro (341-270 a.C.), o filósofo do *képos* (o jardim), neste gênero de sensibilidade:

Acostuma-te à ideia de que a morte nada significa para nós (...) compreender [isto] torna desfrutável a mortalidade de nossa vida, não porque acrescenta a esta um período limitado de tempo, mas porque elimina o desejo de imortalidade (...) De maneira que é tolo quem diz temer a morte, não porque esta será dolorosa quando chegar, mas porque doloroso é a sua expectativa."

A finitude não é propriamente a percepção da morte (concepção ocidental da angústia existencial), mas a percepção dos limites de nossa consciência, de nossa ação e de nossa importância num mundo já dado desde o nosso nascimento e para além de nossa morte e cuja experiência é, não a nossa morte, mas a experiência da morte com o corpo morto e inerte do ser amado nos braços. Precisamente aquilo que fará na história de nossas espécies desenvolver os ritos funerários de transição.

Nesse sentido é que o fluxo do tempo nos atemoriza, pois remete imediatamente às nossas limitações, e não propriamente à limitação da morte. Há várias culturas em que a fi-

gura da morte não é algo a se temer, mas é, precisamente, a noiva cotidiana com a qual se flerta. A morte nestas concepções é transição, não temida, mas amada e ansiada.

Se deixamos de lutar contra a finitude expressa em nossas limitações (esta parece-me ser a angústia existencial um pouco mais “universal”), aproveitamos o tempo presente na fruição da dádiva de estar vivo. Se podemos avançar um pouco mais na maturidade da doação, podemos entender a trajetória – até este ponto presente em que estamos ainda vivos – como fulcro de uma estória a ser narrada para os que vierem depois. Este me parece ser o fulcro indispensável, rítmico, sonoro, cíclico e transitório da peregrinação de uma sensibilidade crepuscular. Não é a angústia como o heroico guerreiro solar sente a iminente derrota em sua constante luta ardorosa pela luz e pelos domínios, através da separação das coisas, nem a entrega incondicional diluidora, como deseja o místico em sua adesão acrítica às seitas e corporações, mas a palavra-alma (*nhe'e; guarani*) transformada em canto que se entoa, como cantiga de ninar (às vezes, épica; às vezes em epopeia; às vezes, trágica; às vezes, apenas fantástica) para adormecer as crianças e acordar as pessoas.

Tanto Zhinü quanto Zhu Yi, nestas duas narrativas míticas chinesas, estão simbolicamente no lugar-momento desta estrela matutina das solidões. A primeira, em seu banho tranquilo no lago, e a segunda, bailarina em sua casa. Mas se convertem em auroras de transformação anímica em relação aos dois *animus* que encontram: Niulang, o pastor no primeiro caso; e Liang Shan Bo, o mestre no segundo.

O primeiro casal se converte, ao final, em estrelas separadas que se juntam pelo voo dos pássaros por sobre a via láctea.

O segundo casal se converte, ao final, em borboletas que se juntam pelo voo após o abraço funerário por sobre as interdições terrenas.

O primeiro *animus* é pastor de bois. O segundo *animus* é o jovem-boi, mestre equiparado a Laozi.

A primeira *anima*, Zhinü, rompe com a destinação celestial e se converte em camponesa ao lado de Niulang.

A segunda *anima*, Zhu Yi, rompe com a destinação terrena do casamento arranjado e se lança ao abraço, ao lado do falecido amado.

Mais que “coincidências”, estas recorrências simbólicas são sincronidades, como diria Carl Gustav Jung (1875-1961), termo que ele utilizou em 1929 para tratar de dois ou mais

eventos que se relacionam e se conectam por relação de significado e sem relação causal, pois além do caráter aleatório das coincidências, os eventos proporcionam uma sincronia ou padrão dinâmico e perceptível, também chamada de “coincidência significativa”. Em parceria com o físico suíço Wolfgang Pauli (1900/1958), que foi um dos fundadores da mecânica quântica, apresentou o princípio da sincronicidade em investigações entre 1933 e 1958. Ele presume que a energia indestrutível tem uma relação dual com o contínuo espaço-tempo: por outro lado, existe a conexão constante por meio do efeito, isto é, causalidade; e por outro, há uma conexão inconstante por contingência, equivalência ou significado que é a própria sincronicidade. Para um físico, as equações não são reflexos objetivamente precisos, mas vão se constituindo de sucessivos “*insights*”, nunca causais. Numa carta de Pauli, de 1959, para Emma Jung, ele descreveu fenômenos sincronísticos, como radioatividade, processo pelo qual um núcleo atômico instável perde energia ao emitir radiação e em certos estados nucleares de vida curta altamente excitados, podem decair por meio da emissão de nêutrons ou, mais raramente, da emissão de prótons.

A decadência radioativa é um processo aleatório e de acordo com a teoria quântica, é impossível prever quando um átomo em particular se desintegrará. No entanto, para um agregado de átomos, a taxa esperada de decaimento do agregado é caracterizada pela sua constante de decaimento ou meia-vida medida. Esta é a base para a datação radiométrica. Um núcleo radioativo com spin zero pode não ter uma orientação definida e, portanto, emite a todo o momento seus produtos de decaimento em todas as direções e sem polarização. Desta forma, teoricamente, a própria sincronicidade teria uma compreensão quântica. Novamente, o voo livre dos pássaros e o voo livre das borboletas.

Aqui em nossas narrativas míticas chinesas, o velho mestre se reconcilia com a vida ao se deparar com sua *anima*, e se liberta do perigo da cristalização. A bailarina se reconcilia com a morte ao deliberadamente se jogar aos braços do amado, e se liberta do perigo da conformação.

O pastor se aparta de sua solidão ao encontrar sua *anima* entre as irmãs banhando-se no lago. A jovem se aparta da vida celestial para viver solitariamente com seu pastor amado no campo.

O reiterado voo (borboletas e pássa-

ros) tem suas ressonâncias no manto de penas de Tsang-kie, criador da escrita sinográfica, com seus quatro olhos (dois casais de olhos), que também nomeia a borboleta mencionada.

Ambas as *animas*, como *hueseras*, afrontam o mundo com suas criações e renegam as interdições da tradição patriarcal ou celestial, assumindo suas vontades e realizando-se na atitude deliberada e consciente ao final da saga mítica. A dança da escrita cumpre a sina da escrita da dança, sempre: penas e pés sobre o *tao* do caminho.

A germinação cria a árvore, destrói a semente e conserva a espécie

O marceneiro cria a mesa, destrói a árvore e conserva a madeira

(princípio da trimúrta hindustani)

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston (1988). *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.
- BERDYAEV, Nikolay A. (1935). *De la destination de l'homme*. Paris: Je Sers.
- BRANDÃO, Junito de Souza (1993). *Dicionário Mítico-Etimológico de Mitologia Grega*. Petrópolis: Editora Vozes, 2 vols, 2ª. Edição.
- CAMPBELL, Joseph (1990). *O Poder do Mito. Entrevistas televisivas com Bill Moyers*. EUA: Public Broadcasting System, 1988 (Pós-Produção pela TV Cultura, 1990; editado em livro homônimo, São Paulo: Palas Athena, 1990).
- CHUNCAI, Z. (1999). *Clássico de Medicina do Imperador Amarelo: tratado sobre a saúde e vida longa*. São Paulo. Editora Roca.
- DURAND, Gilbert & SUN, Chaoying (2000). *Mythe, Thèmes et Variations*. Paris: Desclée de Brouwer ESTES, Clarissa Pinkola (2014). *Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- FERREIRA-SANTOS, M. (2000a). *Música & Literatura: O Sagrado Vivenciado*. In: Porto, Sanchez Teixeira, FERREIRA-SANTOS & Bandeira (Orgs.). *Tessituras do Imaginário: Cultura & Educação*. Cuiabá: Edunic/CICE/FEUSP, 57-76. Disponível em: <http://www.marcosfe.net/musica%20e%20literatura.pdf>
- FERREIRA-SANTOS, M. (2007c). *A palavra habitada: a sacralidade do texto em culturas orais*. São Paulo: Instituto Gens - Sobre filosofias. Disponível em: http://portalgens.com.br/filosofia/textos/a_palavra_habitada_MARCOS.pdf
- FERREIRA-SANTOS, M. (2017). *Mito & Imaginação: concerto grosso para duo de sopro e cordas em fermata e ostinato*. In: Wunenburger, J.J.; Araújo, A.F.; Almeida, R.. (Org.). *Os trabalhos da imaginação: abordagens teóricas e modelizações*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p. 215-239. Disponível em: <http://www.marcosfe.net/concerto%20grosso%20mito%20e%20imaginacao.pdf>
- FERREIRA-SANTOS, M. & ALMEIDA, Rogério (2020). *Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo: portal livre de livros

- USP, selo Galatea, 2a. Ed. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/453/406/1590-1>
- FERREIRA-SANTOS, M.; MORALES, Patrícia Perez & RUBIRA, Fabiana (2014). Aproximaciones a la educación sensible: vivencia en los núcleos experienciales en Astronomía y Arte-educación. Bogotá: IDARTES – Planetario de Bogotá.
- Gita govinda(sec. XII).“cântico do negro amor”. Tradução do sânscrito por Rogério Duarte (2010).
- IDEMA, W. L. (2012). Contos antigos para novos tempos: alguns comentários sobre a tradução cultural dos quatro grandes contos da China no século XX . Revista Taiwan de Estudos do Leste Asiático, 9 (1): pp.25-46 IDEMA, W.L. (2010).The Butterfly Lovers: The Legend of Liang Shanbo and Zhu Yingtai: Four versions with related texts. Indianapolis: Hackett Publishing Co.
- JECUPÉ, Kaká Werá (2001). Tupã Tenondé: a criação do universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis.
- JUNG, Carl Gustav & PAULI, Wolfgang (2014). Atom and Archetype. The Pauli/Jung Letters, 1932-1958. Princeton University Press.
- MAO, Xian (2013). Cowherd and Weaver and other most popular love legends in China. eBook: Kindle Direct Publishing.
- STRASSACAPA, Juliana (2016). Triste, Louca ou Má.In: Francisco, El Hombre. Soltasbruxas. La Habana, Cuba, CD.
- SUYIN, Han (2018). Wind and Fly. New York: AZQ LTD. Disponível em: <https://www.azquotes.com/quote/1260078>
- ZHANG, Shudong (2005). 中华印刷通史(A General History of Chinese Printing). Taipei: XingCai Literary Foundation.



ADONAI

POR ESTEVAM CERVONE

Antes, gostaria de agradecer ao Amigo Jacob Simmons e ao Professor Carlos Rosa (in memoriam), que me ensinaram muito do que sei.

Antes de começar a discorrer sobre o assunto proposto, gostaria de escrever um pouco sobre a história da escrita, de uma forma bem sucinta.

Muito antigamente cada símbolo representava uma palavra ou uma ideia, isso quer dizer que para cada palavra você deveria aprender um símbolo diferente.

Para escrever “árvore”, por exemplo, você aprenderia um símbolo que representaria uma árvore.

Para escrever cachorro, teria um símbolo para o cachorro.

Amor, felicidade, justiça, céu, terra, homem, mulher... cada palavra tinha um símbolo.

Isso quer dizer que cada símbolo representaria um som, em vez de uma palavra. Assim, com alguns poucos símbolos seria possível escrever todas as palavras. Cada letra é um som,

bastaria juntar os sons e formar as palavras.

A ideia foi a seguinte: um “desenho”, que antes representava uma palavra, passaria a representar o som com que a palavra começava.

Vamos imaginar um exemplo: suponha que você fosse inventar o alfabeto hoje, baseado na língua portuguesa. Imagine que na língua portuguesa nós usamos “pictogramas”, ou seja, fazemos desenhos para representar cada palavra. Então você decide inventar um alfabeto fonético para simplificar a escrita.

Você quer inventar uma letra para o som de “M”. Você escolhe uma palavra qualquer que começa com este som.

Por exemplo, você poderia escolher a palavra “macaco”. Então você pegaria o desenho do macaco, e criaria a letra “macaco”, que seria usada para representar o som “m”. Assim, em todas as palavras que aparecesse este som, apareceria o desenho do macaco. A partir de agora o desenho do

macaco não representaria mais o macaco, mas apenas o som de “M”.

Você escolheria uma palavra para cada som. Como existem poucos sons na fala, apenas uns vinte e poucos, a partir de agora, em vez de usar milhares de símbolos, você só usaria vinte e poucos, o que seria suficiente para escrever qualquer coisa.

Consegue ler esta “palavra”?



M A R A C U J A

Agora, peço permissão para escrever mais algumas informações que poderão ajudar o (a) leitor (a) a compreender melhor os ensinamentos antigos no Judaísmo.

E, por que não, porventura, colocá-los em prática para seu benefício.

Adonai

De acordo com a tradição judaica, a palavra *Adonai*, tendo em conta que se refere a Deus, também não deve ser usada sem consideração, nem deve ser usada em lugares impróprios, como instalações sanitárias.

A palavra *Adonai* é muitas vezes usada em expressões que se referem a características de Deus.

Por exemplo: *Shalom Adonai* é uma

expressão que significa "a paz do Senhor".

Trata-se de uma saudação que menciona a paz, como quem diz "a paz de Deus esteja com você". A resposta a essa saudação deve ser "*Adonai Shalom*".

A expressão "*Adonai Kadesh*" está relacionada com a Santidade de Deus, e significa "O Senhor é Santo".

Muitas músicas cristãs de louvor e adoração utilizam a palavra *Adonai* como uma forma de reverência e respeito a Deus. Um exemplo é a música "*Adonai, Aba Pai*", da cantora (1)Aline Barros.

O que é Kadosh:

Kadosh significa santo, em hebraico. É também a expressão utilizada para designar o nome de Deus dos judeus. *Kadosh* significa também algo sagrado, ou um indivíduo que foi consagrado perante outras pessoas. *Kadosh* também aparece na Bíblia, no Novo Testamento.

Existem muitas variações de *Kadosh*: *Kadesh* significa sagrado, em hebraico, *Kidush* significa santificação, ou consagração, já *Yom kadosh* significa dia Santo, *Kadish* significa santificação, e é feita uma oração durante 11 meses, para exaltar o nome

de Deus. *Kadish* é uma oração litúrgica de origem aramaica, que louva a Deus e roga pela vinda do reino messiânico. Esta oração é característica dos filhos no funeral dos pais e durante o ano de luto.

Kadosh aparece no Antigo e no Novo Testamento da Bíblia e do Torah, sempre em oração para exaltar Deus.

Como é um tema um pouco árido, eu creio que o (a) leitor (a) não sabe dessa informação.

O Cristianismo tem suas raízes no Judaísmo da época do Segundo Templo, mas as duas religiões divergiram nos primeiros séculos da Era Cristã.

O Cristianismo enfatiza a crença correta (ou ortodoxia) na Nova Aliança, mediada por Jesus Cristo, conforme registrado no Novo Testamento.

O Judaísmo dá ênfase à conduta correta (podemos definir também como ortopraxia = seria a prática correta de uma crença), com foco na Aliança Mosaica (chamada de Antiga Aliança, pelos cristãos), conforme registrado na Torá (os cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica, chamada de Antigo Testamento pelos cristãos) e no Talmud.

Explano esse tema, podemos voltar ao tema de abertura do texto "*Kodoish*", "*Adonai*".

Na verdade, ele é parte de um Mantra.

Na liturgia da Igreja Católica existe um canto que também foi retirado da Cabala.

É assim: "Santo • Santo • Santo, Senhor Deus Do Universo -O céu e a terra, proclamam a Vossa glória. - Hosana nas alturas! - Bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas!"

(*Hosana* nas alturas é um termo proveniente tanto do latim, como do hebraico, e significa "Salva-nos, te imploramos", ou "te imploro". *Hosana* nas alturas é uma oração a Deus, e significa: "Salva-nos agora, ó Tu que habitas nas maiores alturas".)

Então, leitor (a), o trecho da oração Mantra original que estou lhe enviando, o mantra *Kodoish, Kodoish, Kodoish Adonai Tsebayoth* é um dos mais recitados e traz a entoação de um dos muitíssimos nomes de Deus na Cabala, a partir de clamores sobre o recebimento de luz celestial e energia divina.

A partir disso, o mantra seria benéfico para curas e renovações mentais e espirituais.

Recite 7 vezes ou ouça 7 vezes, de olhos fechados, ligando-se ao sagrado.

De acordo com os Judeus Conservadores esse Mantra permite

todo o sistema circulatório operar com a batida do coração cósmico.

A energia da Luz criada por este nome sagrado permite ao corpo experimentar a energia direta dos Mestres de Luz.

Por fim, os judeus podem ser divididos em três grupos: o judaísmo ortodoxo (judaísmo haredi e o judaísmo ortodoxo moderno), o judaísmo conservador e o judaísmo reformista. A principal diferença entre esses grupos é a sua abordagem em relação à lei judaica.

NOTAS

*"Adonai, Aba Pai, seja feita a tua vontade
Adonai, Aba Pai, este cálice eu vou beber
Nascerá um novo olhar
Porque não vou desistir
Quero ser fiel até o fim
Teu caminho vou seguir
Adonai, Aba Pai, seja feita a tua vontade
Adonai, Aba Pai, este cálice
Eu vou beber, eu vou beber
Nascerá um novo olhar
Porque não vou desistir
vontade
Adonai, Aba Pai, este cálice eu vou beber
Quero ser fiel até o fim
Teu caminho vou, eu vou seguir
Adonai, Aba Pai, seja feita a tua vontade"*

Qual é o significado de Torá?

Texto sagrado do judaísmo, a Torá é composta pelos primeiros cinco livros da Bíblia hebraica (chamada pelos cristãos de Antigo Testamento). A maioria das sinagogas faz a leitura da Torá inteira ao longo de um ano.

O termo Torá, em hebraico, significa "ensinar" ou "indicar o caminho".

Qual é o significado de Talmud?

É uma coletânea de livros sagrados dos judeus, um registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo.

REFERÊNCIAS

- <https://www.letras.mus.br/aline-barros/100787/>
- <https://jonathan-frate.com/2018/09/06/alfabeto-hebraico/>
- <https://www.abiblia.org/ver.php?id=7930>
- VÁRIOS. O LIVRO DAS RELIGIÕES: Col. As Grandes Ideias de Todos os Tempos. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016.

AMATERASU E A AUTOESTIMA

POR LEONARDO TONDATO DE MELLO

Amaterasu é a deusa sol da mitologia japonesa, uma das principais *kami* (divindades) do xintoísmo. O mito de Amaterasu fala, dentre outras questões, sobre o nascimento dos japoneses, mas também pode ser pensado a partir do método de amplificação da psicologia analítica, trazendo aproximações com as questões da autoestima e da autoimagem, tão importantes na constituição de uma pessoa e para a vida em geral.

A história da origem dos *kamis* e do próprio Japão é descrito no livro mais sagrado e antigo do país: o Kojiki, publicado pela primeira vez no ano 712 (período Nara). Nele, duas divindades se apresentam (e isso é uma diferença muito importante entre as religiões monoteístas e politeístas): Izanagi (イザナギ) e Izanami (イザナミ), as divindades da criação.

Antes dessas duas deidades supremas existia apenas o caos. De acordo com o *shinto*, foi graças aos irmãos (e casal) divino que o Japão foi criado. Com o tempo Izanami foi gerando, ou melhor, parindo novos deuses. Porém, ao gerar o *kami* do fogo Kagutsuchi (カグツチ), Izanami morre com os ferimentos de queimadura durante o parto.

Desolado e sozinho, Izanagi vai procurar por sua amada no mundo dos mortos do *shinto*, o Yomi (黄泉). Ao encontrá-la, Izanami diz para Izanagi não olhar para ela. Ignorando o alerta de Izanami, Izanagi a olha e vê que sua amada está apodrecida. Nesse momento, chocado com sua visão, Izanagi sai do reino dos mortos e retorna ao mundo dos mortais.

Ao chegar ao mundo dos mortais (Ashihara no Nakatsukuni – 葦原中国), Izanagi foi se purificar no rio Tachi-

zana. Nesse ritual três divindades nascem. A primeira foi a deusa do Sol Amaterasu (天照). Ela nasceu quando Izanagi jogou água em seu olho esquerdo.

Depois surge o deus da Lua Tsukuyomi (ツクヨミ), que nasce quando Izanagi joga água no seu olho direito. Por último veio Susano (須佐之男命), deus do mar e das tormentas que surge após o *kami* derramar água em seu nariz. De acordo com o *shinto*, Amaterasu, Tsukuyomi e Susano são os filhos mais importantes de Izanagi. Além disso, após o nascimento de seus filhos, Izanagi ficou feliz e nomeou Amaterasu como governante do Takamagahara (高天原), a planície celestial.

Amaterasu é, entre outras coisas, essência de luz. Por isso ela é a mais importante, afinal, sua luz é fundamental tanto para Takamagahara, quanto para Ashihara no Nakatsukuni. Quando Susano se rebela e causa destruição nas planícies celestes, Amaterasu se assusta e se recolhe em uma caverna.

O recolhimento de Amaterasu mergulha o mundo mortal e o mundo celeste em caos e escuridão, gerando uma série de desastres nos dois mundos. Sua ausência causou tantos danos que inúmeros outros *kami* se reuniram para decidirem o que fazer

para que a deusa do Sol voltasse ao seu lugar. Quando os deuses chegaram a um consenso, Omoikane (思兼), divindade da sabedoria, começa um ritual do lado de fora da caverna Ama-no-Iwato, onde Amaterasu se refugiou. Para o ritual, Omoikane contou com a ajuda de outras divindades que criaram os tesouros imperiais do Japão: Yata no Kagami, o espelho sagrado, Kusanagi no Tsurugi, a espada sagrada e Yasaka No Magatama, a joia sagrada.

Outros dois deuses fizeram uma espécie de adivinhação com ossos queimados, realizaram orações e prestaram oferendas à deusa do Sol. Depois, Amenouzume (天宇受売命), deusa da alegria, começou a dançar, enquanto 800 outros *kami* riam e diziam que existia uma divindade mais poderosa que Amaterasu.

Ao ouvir o deboche dos deuses, Amaterasu duvidou da afirmação. Então, uma outra divindade mostra o espelho sagrado para a deusa do Sol que vê seu reflexo, mas não se reconhece. Quando Amaterasu se aproxima do espelho para ver melhor, outro *kami* a puxa para fora da caverna, e a luz é devolvida ao universo.

Eis o mito de Amaterasu, em que a luz é devolvida ao universo. Alguns aspectos simbólicos são importantes

para a análise do mito, que seguirá através da ótica da psicologia analítica, criada por Carl Gustav Jung.

Para Jung, os deuses e divindades funcionam como arquétipos. O postulado sobre arquétipos é uma das bases da teoria junguiana. O arquétipo fala sobre o arcabouço de experiências da humanidade sobre um dado tema, por exemplo: todos, independentemente do lugar físico ou do momento histórico, sabem o que é mãe, pai, entre outros. O colorido da experiência individual é que dá formatação pessoal para o arquétipo. Ao mesmo tempo, existe uma camada coletiva, da humanidade, sobre a experiência com dado tema. O arquétipo é, ao mesmo tempo, individual e coletivo. Sobre a questão do arquétipo, RAMOS (2002) afirma:

“Os arquétipos são núcleos instintivos, passados de forma psicobiológica de geração a geração (a gênese do inconsciente coletivo é, portanto, a priori, ao nascimento. A criança já nasce com ele). Eles trazem padrões de comportamento herdados da humanidade desde o seu surgimento.”

Os deuses e as temáticas míticas trazem, portanto, temas arquetípicos, pois tocam em lugares constitutivos da alma (psique) humana. Nas alegorias míticas e dos contos de fa-

das percebemos temáticas como o amor, a dor, a morte, entre outras. A mitologia e a psique se relacionam desde os primórdios da humanidade. O mito surge como expressão da visão de mundo e de homem.

A partir destas definições, vai se tornando evidente a relação entre mitos e arquétipos, pois os mitos nada mais são do que uma forma de expressão dos arquétipos, falando daquilo que é comum aos homens de todas as épocas, porque falam dos valores eternos da condição humana. Ainda sobre a questão, MELLO E MERCADANTE (2016) afirmam:

“Os mitos se referem às realidades arquetípicas, isto é, a situações com que todo o ser humano se depara ao longo da vida, e vão além ao explicar, auxiliar e promover as transformações psíquicas, tanto no nível individual como no coletivo, de certa cultura. Toda a mitologia se torna, assim, uma forma de tomada de consciência, um elemento para nos identificar. Existem mitos universais e os de cada cultura, mitos iguais para todas as épocas, com novas roupagens, porque o que é arquetípico é o tema e a partir deste tema podem surgir novas formas de colocação.”

Há importantes símbolos que devem ser pensados sobre o mito de Amaterasu. Primeiramente, a figura

do sol nas mitologias geralmente é colocada como um atributo referente ao masculino e a figura da lua, um atributo referente ao feminino. Para a psicologia analítica, a mulher possui uma contraparte interna inconsciente masculina, chamada de *animus*, e o homem possui uma contraparte interna e inconsciente feminina, chamada de *anima*. Sobre a *anima*, RAMOS (2002) versa:

“É a personificação da natureza feminina do inconsciente masculino. No homem, seu consciente é masculino, porém, seu inconsciente é de natureza feminina (dominado pela anima)”

Sobre o *animus*, RAMOS (2002) afirma:

“É a personificação da natureza masculina do inconsciente feminino. Na mulher, seu consciente é feminino, porém, seu inconsciente é de natureza masculina (dominado pelo animus)”

A deusa sol pode ser pensada como luz para aspectos importantes do feminino que necessitam de integração para a consciência. O mito mostra sobre como Amaterasu, após uma situação com o seu irmão, se retirou para uma caverna e lá se isolou.

O fato de entrar na caverna e se retirar mostra, de maneira simbólica, momentos como o da depressão, em que a energia psíquica disponível se torna menor, e o indivíduo pode vi-

venciar a chamada “noite escura da alma”. Há momentos em que estar em contato consigo mesmo e adentrar a “caverna” se faz necessário. A psique possui movimentos em que a energia psíquica segue “para frente”, em progressão. Na progressão da libido, percebe-se movimentos do indivíduo rumo ao mundo externo e a adaptação deste com o meio no qual vive. Conquistas, expansões, entre outros, são fenômenos observados na progressão da libido.

A regressão da libido possui um outro direcionamento da energia, o interno, e a energia psíquica flui para o inconsciente, tendo maior relevância as necessidades internas, ou seja, é uma adaptação do indivíduo às próprias exigências internas, ao mundo interior e ao processo de individuação. A individuação é a meta e o grande tópico da teoria e do processo junguiano e fala sobre a tendência autorrealizadora que o indivíduo possui de se desenvolver.

Entrar na caverna significa uma jornada em rumo de si mesmo, para além das aparências. É em tal momento em que o indivíduo olha para si em profundidade, para além, por exemplo, das exigências sociais e/ou de outros, é um mergulho dentro das profundezas do ser, que envolve responsabilidade e autocuidado.

O autocuidado vai além dos cuidados com estética e imagem, para além de redes sociais, versa sobre questões como: Com quem me relaciono? Quem escolho como parceiro (a)? Como anda a minha saúde financeira? Quais amigos me rodeiam?

O autocuidado ultrapassa a esfera física e chega a lugares psíquicos que podem auxiliar na saúde e bem-estar em geral, tal como na autoestima e no cuidado sobre si mesmo. Olhar para a interioridade é um trabalho constante, que envolve empenho, paciência e cuidado, em um “ofício” artesanal, no qual o ser é a sua própria obra.

Ainda refletindo sobre o mito de Amaterasu, outro símbolo importante é o do espelho. Agora vamos nos encontrar com toda a Beleza que nos habita? Você se vê bonita (o) ou acredita que para ser bela (o) você precisa ser um (a) modelo ou se encaixar em algum padrão “ideal” de beleza?

Sobretudo, o símbolo de Amaterasu vem auxiliar a abandonar os velhos conceitos e julgamentos sobre o que é belo e nos ajudar a perceber a singularidade, com a ajuda de um espelho, com a sua inteira presença, sem julgamentos e em total estado de permissão para acessar toda a sua beleza.

A deusa e seu mito, além de trazer luz para a natureza externa e interna, pode ser pensada sobre o sagrado dentro de cada um, sagrado também que pode ser pensado como da ordem da intimidade pessoal. Conhecendo-se melhor e desenvolvendo aspectos relativos a autoestima positiva, o indivíduo pode olhar para si em maior profundidade, conhecer-se melhor, integrar partes inconscientes de si mesmo e se desenvolver, além de ampliar a consciência.

O mito de Amaterasu, embora antigo, se mostra atual e passa através de diferentes momentos históricos, trazendo uma importante reflexão. Mito e símbolos se entrecruzam em uma trama do imaginário da psique, como um tema de grande relevância e atualidade.

Jung entende o processo de individuação como “O sentido e a meta do processo são a realização da personalidade originária, presente no germe embrionário, em todos os seus aspectos. É o estabelecimento e o desabrochar da totalidade originária, potencial”. (JUNG, 2014, § 186, p. 123).

O mito japonês de Amaterasu traz a ideia de que o espelho fazia a Luz Divina sair da caverna e refletir sobre o mundo.

No simbolismo siberiano, os dois grandes espelhos celestes refletem o

universo. Na tradição Veda, o espelho é a miragem solar das manifestações; simboliza a sucessão de formas, a duração ilimitada e sempre mutável dos seres. Na literatura islâmica, o espelho mágico permite ler o passado, presente e futuro.

A outra face do espelho inspira terror, por descortinar nossa verdadeira alma. Nos contos de fada, aparece entre a madrasta e a Branca de Neve, entre a Bela e a Fera, sempre trazendo a realidade em seu reflexo. É a imagem que denuncia, que revela o que foi negado, desilude, traz o peso da verdade. O espelho coloca o homem de frente para sua face real.

Pode-se considerar a alma como sendo um espelho. Assim, além de um simples reflexo, a alma passa a fazer parte do que se volta para ela. Sendo a alma um espelho perfeito, ela participa da imagem e, com isso, se transforma, existindo, portanto, uma relação entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla. A alma participa da própria beleza à qual ela se abre.

Amaterasu retoma que a beleza precisa ser admirada primeiramente pelo próprio indivíduo. A verdadeira beleza vem de dentro, do sol interior. Quando se reconhece a própria beleza, brilha-se tanto que todos percebem e desejam ficar perto.

Eis então uma ligação possível entre o mito de Amaterasu e a questão relativa à autoimagem e autoestima, como grandes auxílios para a constituição de uma pessoa. O mito se reedita ao longo dos tempos e, por ser uma temática arquetípica, trata sobre um tema tão importante da alma humana e que é, ao mesmo tempo, antiga e atual.

REFERÊNCIAS

- JUNG, C.G. Obras Completas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MELLO.L.T., MERCADANTE.E.F. Relações contemporâneas entre o envelhecer, a religião e cultura, sob a luz junguiana dentro da mitologia africana. Revista Kairós Gerontologia, v.9, n.4, p.383 – 399, 2016.
- RAMOS, L. M. A. Apontamentos sobre a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 110–144, 2008. DOI: 10.20396/etd.v4i1.616. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/616>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- <https://cacadoresdelendas.com.br/japao/amaterasu-deusa-do-sol/>. Acesso em: 30 ago. 2021.



LIVRO: Hino Homérico II A Deméter

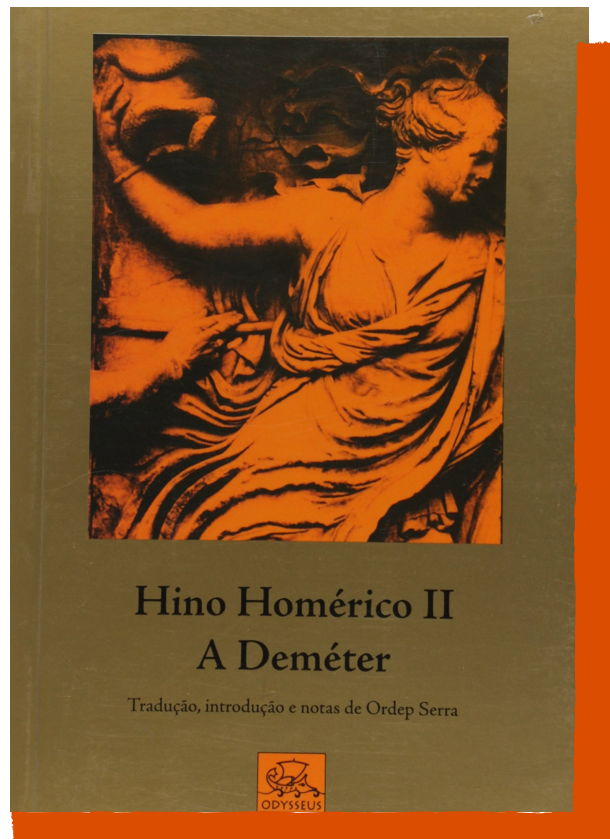
AUTOR: Homero - TRADUÇÃO E NOTAS: Ordep Serra

POR LARISSA DIAS

Recentemente tenho estado mergulhada em meus livros mitológicos mais antigos, porque um antigo chamado ressurgiu. Nesta viagem que tenho feito, tenho encontrado preciosidades que eu havia esquecido há muito e muito tempo. E uma delas foi este livro que hoje vos indico.

Já é bem vasta a fama entre os mitólogos dos Hinos Homéricos, que o poeta Homero escreveu para diversas divindades da mitologia. Ler os mitos em tom de poema já é uma dádiva, pois o sagrado consegue um ritmo único e envolvente, assim como são os versos do Alcorão, por exemplo.

Hinos Homéricos são Hinos Homéricos, mas Ordep Serra traz a sua verdadeira grandiosidade na Introdução e nas notas de rodapé. Se você não gosta de ler as "letrinhas miúdas", vai perder todo o precioso recheio desta publicação, pois são justo nestas notas que Ordep Serra nos dá a verdadeira dimensão de quem foi Deméter, o que era de fato o seu culto, a sua relação importante e simbólica com sua filha Perséfone, regendo as estações do ano e as co-



lheitas, além de trazer a profunda e mística ligação que ela e Perséfone tinham com o deus Dionísio nos Mistérios dos Elêusis.

O livro ainda traz informações sobre Pã, Zeus e outras divindades que conviveram com Deméter.

Minha sugestão então é acompanhar a deusa da fertilidade humildemente, reverenciando (inclusive para ler as notas de rodapé) à grandeza desta obra clássica!



ARTISTA: ILLURIAH -Uma viagem pelos 7 mares com o Illuriah

POR LUANA AZEVEDO

Uma brisa salgando o paladar, cabelos sendo embolados em nós pelo vento confuso e cortante, o cheiro inebriante das algas, o toque oleoso na pele exposta à maresia e todas as possíveis vivências sensoriais de quem está diante ao mar são invocadas ao ouvir Vágsmál, o novo álbum do Illuriah. Vágsmál significa “Mar de Contos” e sua proposta é trazer e levar, assim como as marés, as histórias folclóricas sobre os deuses do extremo norte, sobre povos antigos e sua relação com o mundo e tudo que nele vive.

Conheci o Igor Gartzea por fado ou por acaso, ainda me pergunto se existe este tipo de coisa. Em 2019 eu estava trabalhando na produção do Beltane do Medieval Market, uma proposta nova de evento beneficente para celebrar a chegada da primavera e ajudar famílias em Curitiba-PR. O Igor parou e se apresentou como músico, muito tímido, havia acabado de chegar de São Paulo. Não pude dar muita atenção devido a correria e apenas disse: “quando nos encontrarmos de novo, gostaria muito de ouvir seu som.” Geralmente



cruzo com artistas nos eventos que se apresentam, é algo comum no meio de produção cultural. Mas todas as vezes que isso aconteceu, eu pedi que enviassem um email com material para chamarmos para os futuros eventos medievais na região. Dessa vez, foi diferente. Dois meses se passaram e fizemos um outro evento, um acampamento medieval com apenas cinquenta pessoas. E o Igor Gatzzea apareceu lá de surpresa com sua Kravik Lyra nas mãos, me chamou no canto e disse que estava pronto para mostrar sua música.

VITROLA DE ORFEU



Confesso que eu deveria ficar preocupada, ele não estava na programação, ninguém da equipe havia ouvido o Igor cantar e tampouco sabíamos qual era sua proposta musical. Mas algo nele me passava um sentimento muito bom, de amizade, como se o conhecesse há tempos. Eu subi as escadas para me preparar para uma mediação, todo público estava em uma clareira em volta da fogueira,

sentados olhando pro fogo, conversando, bebendo hidromel e esperando nossa contação de histórias nórdicas começar. Na distância que eu estava pude ouvir a voz do Igor ressoar juntamente com o som das cordas de sua Kravik Lyra, meu coração acelerou e eu disse para o André ao meu lado: “que lindo...” Quando cheguei no acampamento, as pessoas estavam em silêncio, olhando atentamente para o Igor, contemplando sua voz e a viagem que ele proporcionava naquela noite fresca e iluminada pela lua cheia.

O novo álbum Vágsmál, lançado no segundo ano de pandemia, carrega um misto de emoções que se comunicam intimamente com o coração de quem o ouve com atenção. A música de abertura carrega o nome de Surtr, um ancião líder dos gigantes de fogo do Muspelheim. A atmosfera musical nos arrepia, traz à tona o medo do fogo desconhecido, que tudo consome, simbolizando a transmutação que este elemento carrega. O Illuriah deixa bem clara a mensagem: nada voltará a ser como era antes. A segunda música me chamou atenção pelo título “Baldrs Draumar”, um poema épico, registrado no manuscrito islandês AM

VITROLA DE ORFEU



748 | 4to (1280-1320 d.C.), onde Odin invoca uma *völva* para conhecer os motivos de Baldur ter tantos pesadelos e se depara com a morte do seu amado filho. O álbum prossegue com a viagem pelos diferentes espaços materiais e imateriais, contando as histórias de deuses e seres mitológicos e ao mesmo tempo falando tanto de nós mesmos, meros mortais cheios de sonhos, frustrações, esperas, travessias, amores, despedidas, devoções. É como se todas as experimentações dos sentimentos coletivos que fervilharam na pandemia, estivessem lançados neste barco que nos leva para algum lugar desconhecido. A última música do álbum é nomeada como *Sól*, a deusa que traz a luz e a renovação ao solo, representação nórdica da luz que precisamos para manter o ciclo da vida. A canção tem o registro de um dedilhado suave em cordas, com o som de passarinhos cantando no fundo e uma água corrente invocando o movimento, a limpeza, o mar que encontra o rio, a calma, a esperança de um dia claro pós tempestade. Certamente uma escolha poética para nos lembrar que o novo sempre chega carregando esperança.

O Illuriah representa na cena medieval um projeto de resgate da tradição oral, antes cantada pelos *Skjalds* com a importante missão de levar adiante as histórias antigas que dizem respeito aos símbolos universais que conectam todos os povos até os dias de hoje. Assim como os contos de *As Mil e Uma Noites* nos convidam a viajar junto ao marinheiro Simbad, atracando em portos distantes e vivenciando histórias de outras culturas, *Vágsmál* do Illuriah nos coloca na sua embarcação para viajarmos aos Sete Mares e nos conectarmos com nós mesmos através da música. Eu não poderia terminar esta resenha com nenhuma outra frase senão:
- Muito obrigada, Illuriah!



VITROLA DE ORFEU



SOCIAL MEDIA

INSTAGRAM :
@ILLURIAHOFFICIAL

SITE :
[HTTPS://WWW.ILLURIAHOFFICIAL.COM/](https://www.illuriahoofficial.com/)

LINKTR.EE :
[HTTPS://LINKTR.EE/ILLURIAHOFFICIAL](https://linktr.ee/illuriahoofficial)

YOUTUBE :
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/PLAYLIST?
LIST=OLAK5UY_KHYRBF0ZD51GAPCA7PYGSF0THJ
NCWRZWS](https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5UY_KHYRBF0ZD51GAPCA7PYGSF0THJNCWRZWS)

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



HISTÓRIA: Cobra-Norato
CONTADOR: Luiz Júnior

Região do Brasil: Norte

Origem: Africana, europeia, indígena

Outros Nomes: Boiúna, Cobra Grande, Cobra Preta

Nas margens do rio Amazonas, em todo o Norte do Brasil, é muito comum ouvir a lenda de Cobra-Norato. Segundo consta, o Boto (outro personagem lendário das terras amazônicas) seduziu uma índia Tapuia, e o amor entre os dois se consumou. Grávida, ela deu à luz duas cobras grandes como a Jiboia. O Pajé, então, ordenou que ela deixasse as duas cobras às margens do Rio Tapajós.

E, assim, deixados ao relento, cresceram Cobra-Norato e Maria Caninana. Ele, sempre muito bondoso, visitava a mãe frequentemente e sempre estava pronto para ajudar a quem precisasse. Salvava moradores de afogamentos e do ataque de outros animais, fazia sulcos de irrigação e igarapés com seu deslocamento.

Já a sua irmã gêmea, Maria Caninana, era maldosa e cruel. Tinha ódio da mãe, que a abandonara, e frequente-

mente arrastava ribeirinhos para o fundo dos rios da região. Ao tentar fazer isso com sua mãe, foi morta pelo irmão, Cobra-Norato, que jamais deixaria isso acontecer.

Às noites, nas festas das comunidades ribeirinhas, surge um belo homem, todo vestido de branco, muito dançarino e sedutor, mas que, correto como é, não brinca com os sentimentos das moças. É Cobra-Norato, que deixa sua pele de cobra às margens dos rios tão logo ouve os primeiros acordes das músicas e vê os primeiros lampejos das fogueiras que iluminam e alegam as noites amazônicas.

O sonho dele é permanecer como Honorato, o homem. Mas, para isso acontecer, segundo a lenda, seria necessário jogar leite em seu corpo enquanto ele está na pele da cobra, e então tirar algumas gotas de sangue de seu corpo. Certa vez, um soldado muito seu amigo decide ajudá-lo. Ao tirar as gotas de sangue a magia é desfeita e, desde então, Honorato pôde viver até o fim de sua vida no Pará, no norte do Brasil.

Até hoje, os barqueiros apontam para uma vila abandonada às margens

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



do Tapajós, indicando que ali viveu o homem-cobra.

Para Saber Mais:

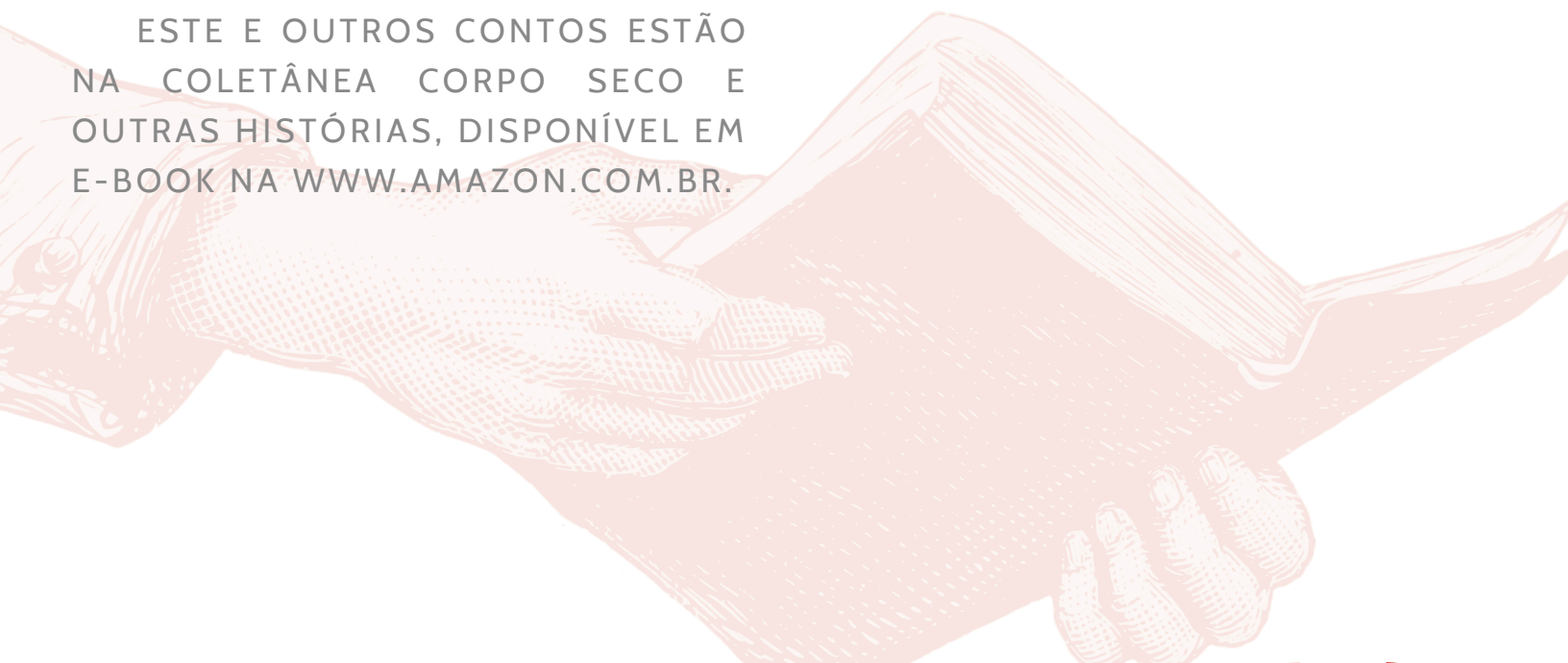
Abecedário de Personagens do Folclore Brasileiro – Januária Cristina Alves

Cobra Norato – Raul Bopp
[<https://escola.britannica.com.br/artigo/Cobra-Norato/483184>]

[<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/cobra-noratonas-aguas-amazonicas.htm>]

Gostou?

ESTE E OUTROS CONTOS ESTÃO NA COLETÂNEA CORPO SECO E OUTRAS HISTÓRIAS, DISPONÍVEL EM E-BOOK NA WWW.AMAZON.COM.BR.





SÉRIE DE MANGÁ / ANIME: Cavaleiros dos Zodíacos

Sombras, luz e Jung - Um recorte psicanalítico e mitológico no arco dos Generais Marinas em Cavaleiros do Zodíaco: Por uma antropologia dos sentidos!

POR FAGNER GABRIEL

Compreender as suas sombras, em vez de lutar contra elas, e chamá-las para dançar, principalmente quando estas se encontram em seus ânimos mais brutais, animais, de modificação estrutural, e em horas que necessitamos saber que da dor se reinventará o cosmo presente dentro de ti.

Ele era um garoto que sofria Bullying na escola, não se compreendia, era e sempre foi tratado como um estranho no ninho por parte dos seus parentes, e, naquele ano de 1995, se deparou com um Anime que viria a modificar a sua existência e que marcou toda uma geração com os seus códigos de valores, ensinamentos e a compreensão sobre jamais desistir: Os Cavaleiros do Zodíaco! A sua vida é ressignificada, passa a ter muitas cores, e ele não sabe o que seria da sua vida sem o anime!



Ele pode ser tanto eu quanto você!
Quem sou? Quem é você?

Já adulto, dentro do seu processo de transformação, em que o autoconhecimento apresentou um novo sentido para a sua existência, passa a compreender de uma forma ainda mais profunda sobre Shaka de Virgem, que é considerado o cavaleiro mais próximo de Deus e que mostrava em suas ações a importância da meditação e de se autoconhecer. Com esse poder, nada transpassava a sua barreira mental criada, e esta só foi quebrada por um outro cavaleiro, tão ascensionado quanto, Ikky de Fênix, e que se construiu como combatente, por meio da dor e depois de passar



sete anos na ilha da Rainha da Morte, onde o único aprendizado para se tornar cavaleiro era odiar a tudo e a todos, onde teve que matar o seu próprio mestre, Guilty, conhecido como o cavaleiro do Diabo, que para inflamar o ódio em Ikky (e este ascender a Fênix), matou a própria filha na frente dele, e desta forma as asas da Fênix brotaram.

Ikki de Fênix possui dois golpes que são altamente representativos: Em “O Golpe Fantasma de Fênix” com o qual envia uma linha de energia direcionando para o cérebro do seu inimigo, que o paralisa, criando uma “ilusão” na qual o oponente é lançado a observar os seus piores medos, receios e inquietações.

Criar ilusão é um aspecto interessante do personagem, podemos analisar dentro do nosso cotidiano (onde quando não observamos a nossa mente), sobre as ilusões que criamos, imaginamos, produção de situações ficcionais com base em efeitos de uma potencialidade distorcida, e tudo piora quando não compreendemos sobre nós mesmos, não controlamos os pensamentos (e estes nos dominam) e principalmente sobre as subjetividades que são produzidas no

ambiente físico ao redor.

O garoto cresceu sem ter o aprendizado de como observar a sua mente, criando ficções abstratas, sem cuidado com elas, se tornando um vilão de si mesmo, tal qual em um permanente estado de golpe fantasma. Em uma determinada tarde, resolveu aguardar pelo auxílio do Coiote para ser resgatado das sombras e iniciar uma nova realidade.

No arco da guerra contra os Generais Marinas de Poseidon, os cavaleiros se viram diante de uma ameaça planetária sem precedentes: Poseidon, Deus dos Mares, passou a utilizar o jovem Julian Solo como receptáculo para desenvolvimento do seu plano de dominação, começando a inundar o Planeta, colocando Athena dentro do grande suporte principal, onde a água do planeta ia escoando aos poucos, para ao final morrer, espionando para os indivíduos e a Deusa cumprindo como ensejo narrativo de elevar a humanidade a um novo ciclo.

Desta forma, os cavaleiros foram lutar na Cidade de Poseidon, onde tinham que derrubar os sete pilares que sustentam o grande suporte principal, cada um destes pilares re-

ARQUIVOS DE LOKI



presentando cada oceano e guardado por um General Marina.

Kasa de Lymnades tem o poder de se transformar nos indivíduos que as pessoas mais amam e admiram, aparecendo na forma de entes queridos para Seiyade Pegasus, Hyoga de Cisne e Shun de Andromeda, golpeando-os sem misericórdia, e o único que o parou foi Ikky de Fênix.

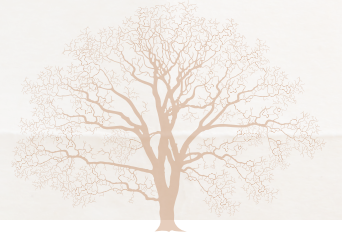
Na luta, Ikky golpeia Kasa com um “golpe fantasma”, e observamos MasamiKurumada (o autor original) utilizando o conceito Junguiano de espelho, apresentando um Kasa lidando com a sua própria personalidade em frente de si, pedindo para matá-lo (Killing Self), e eis que ele fica desesperado e se perguntando:

“Como posso matar a mim mesmo?”



CONCEITO JUNGUIANO EM
CAVALEIROS DO ZODÍACO
EPISÓDIO 107 – CAVALEIROS DO
ZODÍACO





O MITO AMAZÔNICO EM QUADRINHOS



© Ramalho
21

Cobra Sofia

UMA HQ DE RAFAEL SENRA



A NONA ÁRVORE



E A CRIANÇA ENFIM CHEGOU AO MUNDO, APARENTEMENTE SAUDÁVEL E PERFEITA.



A NONA ÁRVORE



...MESMO SEM TER OS PODERES DO PAJE, ELA SABIA QUE A CRIANÇA ERA DIFERENTE...



A NONA ÁRVORE



EM SUA TRIBO, NÃO ENTENDERIAM.

MULHERES VIOLADAS, COMO ELA, ERAM REJEITADAS. PRINCIPALMENTE SE FOSSEM POR ENTIDADES MÁGICAS, COMO O BOTO TUCUXI.

EM CADA INSTANTE DO DIA, ICORÁ AMALDIÇOAVA A CRIATURA QUE ROUBOU SUA VONTADE PRÓPRIA.

E NEM DE NOITE ELA TINHA PAZ. SEUS SONHOS DEVOLVIAM A MESMA CENA QUE TANTO PERTURBAVA QUANDO ESTAVA DESPERTA.

"O QUE FAZER"?, PERGUNTAVA ICORÁ.

E NÃO LHE SOBREVINHA NENHUMA RESPOSTA OU INTUIÇÃO. A FLORESTA CONTINUAVA EMUDECIDA.

ATE QUE...



A NONA ÁRVORE



UM DIA, AS ÁGUAS DO RIO ENVIARAM UM CHAMADO.
ICORÁ OUVIU, E FOI QUANDO ENTENDEU TUDO.

ASSIM COMO O PAI, A AMARGURADA MÃE SOUBE QUE A CRIANÇA
PERTENCIA ÀS ÁGUAS. SUAS ÚLTIMAS PALAVRAS PARA A FILHA FORAM...



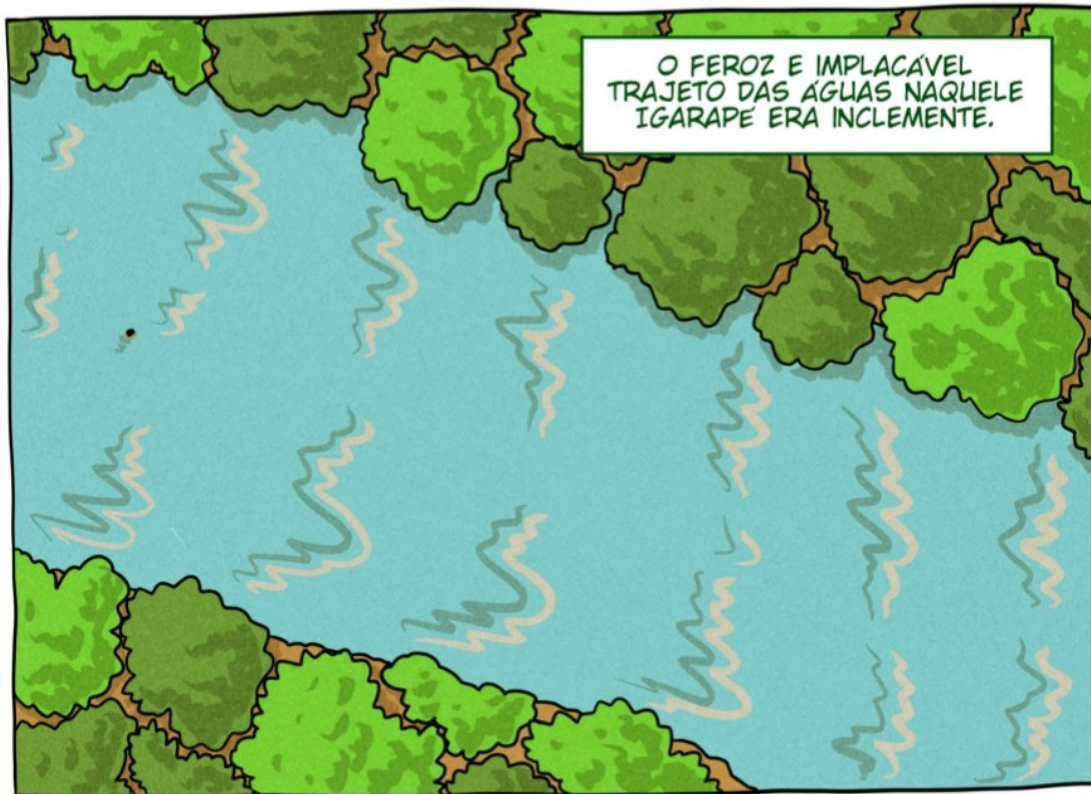
"EU TE BATIZO"...



"...SOFIA".

E A JOGOU.

A NONA ÁRVORE



O FERROZ E IMPLACÁVEL
TRAJETO DAS ÁGUAS NAQUELE
IGARAPE ERA INCLEMENTE.

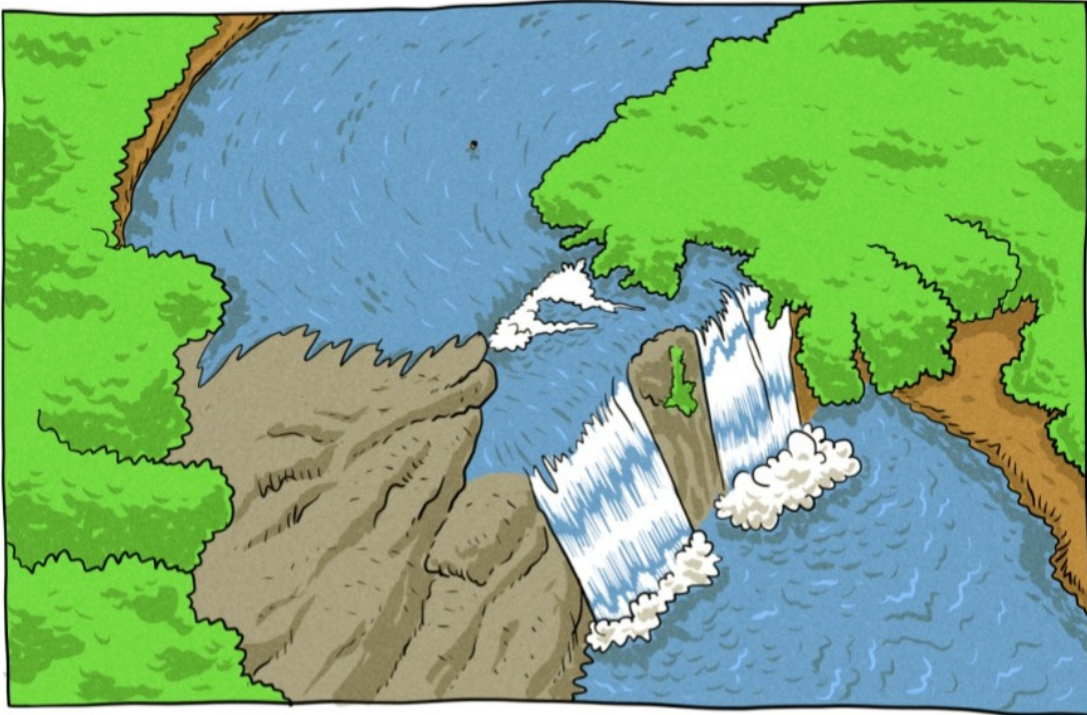


ESSA SERIA UMA DAS PRIMEIRAS
E MAIS DURAS LIÇÕES QUE SOFIA
APRENDERIA NESTA VIDA.

A NONA ÁRVORE



A LIÇÃO DE QUE AS ÁGUAS NÃO GUARDAM MÁGOAS E NEM PERDOAM.



ELAS SIMPLEMENTE SEGUEM SEU CURSO... CUSTE O QUE CUSTAR.

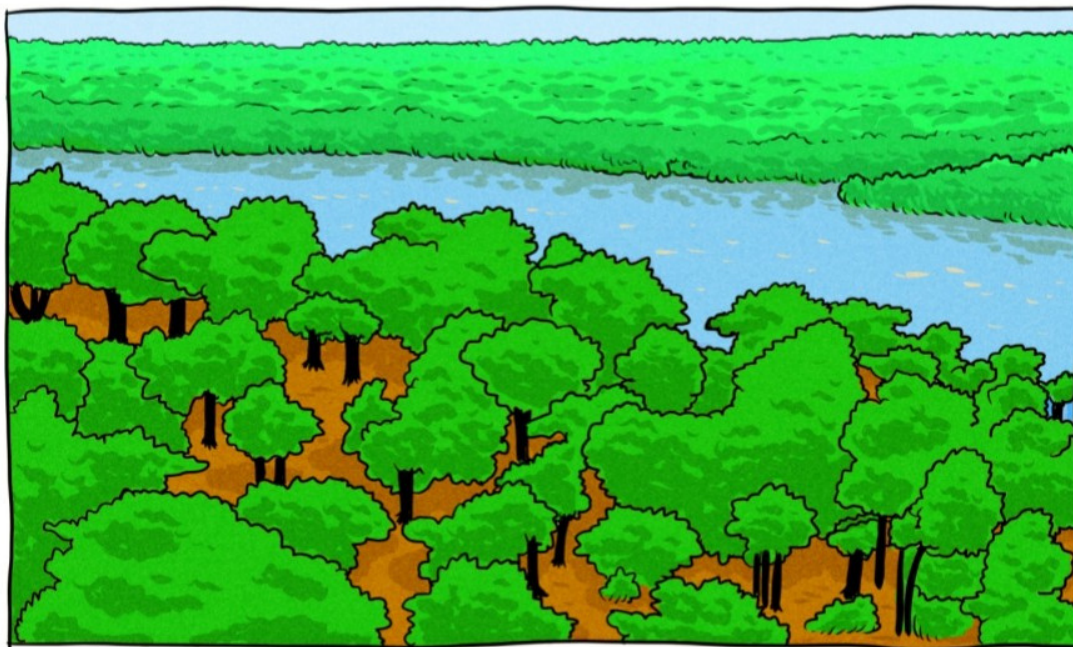


A NONA ÁRVORE



ASSIM COMO OS INDÍGENAS, A AMAZÔNIA TINHA
SEUS PRÓPRIOS RITOS DE PASSAGEM

DEPOIS DE SAIR DE UM VENTRE HUMANO, SOFIA
AGORA ADENTRAVA NAS REENTRÂNCIAS DA FLORESTA...



A NONA ÁRVORE

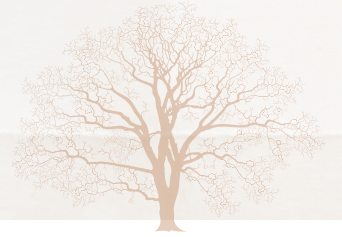


APOÓS DIAS, TUCUXI ENCONTROU SUA FILHA DEFINHANDO EM UMA JAZIDA ISOLADA.

O BOTO SABIA QUE A ÚNICA MANEIRA DE SALVAR A MORIBUNDA CRIANÇA ERA PERMITINDO QUE NASCESSE DE NOVO...

...EM UMA NOVA PELE.

A NONA ÁRVORE



FOI ENTÃO
QUE SOFIA
DEU ADEUS
À SUA CURTA
EXISTÊNCIA
HUMANA...



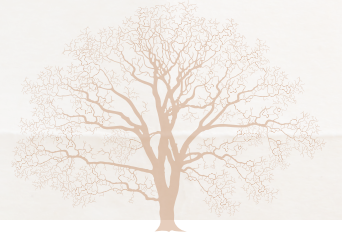
E, NO LÍQUIDO AMNIÓTICO DAS ÁGUAS AMAZONICAS...

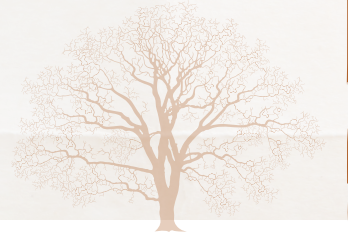
...A CRIANÇA NASCEU PELA SEGUNDA VEZ.

A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE





RAFAEL SENRA - COBRA SOFIA



POR RAFAEL SENRA

Prezados leitores da Revista Mitologia Aberta,

Espero que tenham gostado dessas páginas da HQ Cobra Sofia. Essa história foi baseada em uma lenda típica do interior do Amapá, estado onde moro atualmente: sou professor de Literatura na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Mas, na verdade, sou natural de Minas Gerais, e vou brevemente contar aqui um pouco da minha história pessoal.

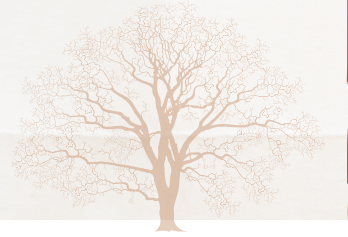
Desde criança, sempre gostei de histórias em quadrinhos, e meus cadernos da época de escola eram repletos de desenhos, onomatopeias e balões de fala. Na adolescência, o arrebatamento pela música e pelo rock progressivo passou a significar tanto quanto os quadrinhos, e desde então sigo me equilibrando entre essas duas expressões artísticas.

Em 2009, publiquei de maneira independente minha primeira HQ,

Ana Crônica. E ainda em 2009, fiz uma história curta baseada nos Beatles: Lonely Hearts foi lançada exclusivamente na internet, e contabilizou milhares de downloads, além de ser citada no caderno de cultura do jornal Estado de Minas. A primeira graphic novel feita por mim foi publicada em 2014, chamada Balada Sideral (Editora Bartlebee).

Como já mencionei, em paralelo aos quadrinhos, nunca me afastei da área musical, que acabou norteando minhas atividades também na área acadêmica. Após me formar em Letras em 2007, iniciei o Mestrado em Letras na UFSJ, pesquisando canções do Milton Nascimento e do Clube da Esquina. Em 2013, a dissertação foi publicada pela Editora Bartlebee, em um livro chamado Dois Lados da Mesma Viagem: a Mineiridade e o Clube da Esquina. Essa obra conta com prefácio do saudoso Fernando Brant, letrista e compositor das canções que estudei. Meu segundo livro, de crônicas e contos, chama-se Olhar de Bicicleta e foi publicado em 2017, mesmo ano em que iniciei uma carreira fonográfica, que já conta com cinco discos (dois solo e três com o codinome Alfa Serenar).

A NONA ÁRVORE



É entre os anos de 2021 e 2022, em plena pandemia, que consigo enfim unir minhas atividades nos quadrinhos e na música. Foi quando lancei diversas obras costuradas com a mesma temática, e que, de certa maneira, podem ser vistas como uma obra única e multimidiática. São, principalmente, a HQ Cobra Sofia (Editora Marca de Fantasia), o disco Cobra Sofia e Outras Lendas Amazônicas (Progshine Records), e o videoclipe da canção Cobra Sofia (que, com sua duração de vinte minutos, tornou-se quase que um curta-metragem).

A obra em quadrinhos foi feita a partir das imagens do videoclipe da faixa-título do disco. É curioso que, por diversas razões práticas, a HQ foi lançada primeiro (em novembro de 2021), mas as imagens que a compõem não foram originalmente pensadas para a mídia sequencial em quadrinhos. Eu montei as imagens que tinham sido feitas para o videoclipe – um tema épico de rock progressivo que ocupa quase metade do tempo do disco (lançado em março de 2022).

Vale lembrar que as duas obras têm acesso gratuito pela internet. O disco está disponível em todos os sites de

streaming e também no You Tube. E a HQ pode ser lida integralmente no site da Editora Marca de Fantasia.

Aproveito para agradecer à Larissa Dias pelo convite e pela disposição de apresentar aqui uma prévia do meu trabalho. Já conhecia e apreciava a Revista Mitologia Aberta, o que me deixa ainda mais orgulhoso e grato por poder ver os trechos de Cobra Sofia representados nessas páginas.

Um grande abraço, e boa leitura!

Rafael

SITES E PÁGINAS DO ARTISTA

<http://rafaelsenra.com/>

e-mail: rararafaels@yahoo.com.br

COBRA SOFIA - Edição completa digital:

<https://www.marcadefantasia.com/albuns/repertorio/cobrasofia/cobrasofia.pdf>



**curso,
palestras,
eventos...**

MAR_2022

Formação em Astrologia

Uma formação ética, que te ajudará a auxiliar ao próximo, respeitando as leis cósmicas!

- ✓ Aulas semanais
- ✓ Aulas individuais e personalizadas
- ✓ Aulas online
- ✓ Apostilado e com MUITOS exercícios
- ✓ 3 módulos
- ✓ Módulos de formação extracurricular: Sinastria, Horária, Mundial, Horóscopos
- ✓ Mitologia e Astrologia

Saiba mais com Luiz Junior

WhatsApp **11 98721-9413**



MAR 2022

CAMPANHA NO CATARSE!

HQ CONTOS DOS ORIXÁS II - O Rei do Fogo

Link: <https://www.catarse.me/projects/148256/contributions/new>

Disponível até: 25/Mar/2022



-Total de 80 páginas

-Tamanho 17x26 cm, formato americano.

-Miolo em papel couchê, 90 g.

-Capa cartonada LD 300 g verniz, com lombada quadrada.



MAR 2022

MINICURSO
**JORNADA
DO
HERÓI
NO ENEAGRAMA**

Evento
Gratuito

Quintas, às 19h
24/02, 03/03 e
10/03

@felipecortes_eneagrama



MAR 2022

ENEAGRAMA

JORNADA PARA A ESSÊNCIA

curso online

autoconhecimento
storytelling

DESCUBRA
SUAS
HISTÓRIAS



Facilitador
Felipe Côrtes



ABR 2022

AGÊNCIA SOBCONTROLE
APRESENTA

Frustra de Danann

**SHOW DE COMEMORAÇÃO
25 ANOS DE BANDA**

TOCANDO SOMENTE OS CLÁSSICOS E PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS!

16 DE ABRIL DE 2022 - SÁBADO

LOCAL: JAI CLUB - SÃO PAULO
RUA VERGUEIRO, 2676, VILA MARIANA
AO LADO METRO ANA ROSA.

INGRESSOS ONLINE:
bilheto 18H (ABERTURA CASA) - 20H30 (SHOWTIME)

AGÊNCIA SOBCONTROLE.COM



ABR 2022

Quarta de Banann

**SHOW DE COMEMORAÇÃO
25 ANOS DE BANDA**

TOCANDO SOMENTE OS CLÁSSICO E PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS!

15 DE ABRIL DE 2022 - SEXTA

LOCAL: CWB HALL - CURITIBA

INGRESSOS ONLINE: **bilheto** RUA DR CLAUDINO DOS SANTOS, 72, SAO FRANCISCO.

20H (ABERTURA) - 21H (SHOWS)

ARTE: WWW.QUARTESTERNO.COM

**Bom
Proveito!**

PANTEÃO DE COLABORADORES



LARISSA DIAS

EDITORA, IDEALIZADORA E COLABORADORA DE ARTIGOS



Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos.

Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método “Jornada Vocacional”, um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP. Autora dos Livros: "O Sopro de Vênus - Contos Eróticos-Mitológicos" e "A Música do Universo - Uma Jornada Mítica, Musical e Psicológica".

www.larissadiaspsi.com.br

larissa@larissadiaspsi.com.br

FÁBIA LUCAS

REVISORA DE TEXTO



Revisora de textos - Conteudista - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; atualmente é professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia.

Instagram: [@fabia.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-mail: facaroli@yahoo.com.br

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/fábيا-carolina-lucas-3183011a2>

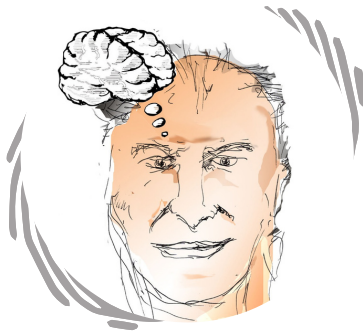
PANTEÃO DE COLABORADORES



GAZY ANDRAUS

COLABORADOR DE ARTIGOS

Gazy Andraus é pós-doutorando pelo PPGACV da UFG, Doutor pela ECA-USP, Mestre em Artes Visuais pela UNESP, Pesquisador e membro do Observatório de HQ da USP, Criação e Ciberarte (UFG) e Poéticas Artísticas e Processos de Criação. Também publica artigos e textos no meio acadêmico e em livros acerca das Histórias em Quadrinhos (HQs) e Fanzines, bem como também é autor de HQs e Fanzines na temática fantástico-filosófica.



Instagram: @gazyandraus // Twitter: GazyAndraus (@AndrausGazy)

Facebook: <https://www.facebook.com/gazy.andraus>

Sites e blogs:

<http://tesegazy.blogspot.com/> <https://yzagandraus.wixsite.com/gazy/home>

<http://classichqs.blogspot.com/>

<http://conscienciasesociedades.blogspot.com/>

Fanzines: https://issuu.com/gazyandraus/docs/3d_imagens-zine-separadas-1-pp; https://issuu.com/gazyandraus/docs/projeto-3d-imagens-volii-ppoint_sequencia

Canal GaZine : no youtube no meu canal "Gazy Andraus":

<http://tesegazy.blogspot.com/p/gazine.html>

MARCOS FERREIRA-SANTOS

COLABORADOR DE ARTIGOS

Jardineiro, artesão, cultivador de bonsai tropical e penjing, folklorista, arte-educador. semeador de sumak kawsay, pan-africanismo e filosofias ancestrais...

Professor de mitologia em várias universidades na Espanha e América Latina, com investigações e intervenções poéticas em mito, música & iniciação nas comunidades tradicionais e povos originários há mais de quatro décadas se orienta pelas pensadoras e pensadores do "círculo de eranos" (Ascona, 1927-1988), primeiro grupo interdisciplinar de mitologia, antropologia simbólica e mitohermenêutica; assim como é influenciado pela "antropologia da pessoa" (Nikolay Berdyaev, Emmanouel Mounier, Paul Ricoeur, Jean Cocteau, Annie Besant, etc)



Youtube: [youtube.com/c/MarcosFerreiraSantosoficial-mito_musica/videos](https://www.youtube.com/c/MarcosFerreiraSantosoficial-mito_musica/videos)

[www.marcosfe.net /](http://www.marcosfe.net/)

E-Mail: marcosfe@usp.br

PANTEÃO DE COLABORADORES



ESTEVAM CERVONE

COLABORADOR DE ARTIGOS



Pesquisador da Cultura Judaica e da Cabala há 17 anos, Estevam desenvolve mapas complexos e muito interessantes que envolvem a numerologia cabalística, que tem por base o significado das letras e seus sons correspondentes, utilizando uma tabela numérica em associação com as letras do alfabeto originado do Hebraico (íídiche, uma mistura de várias línguas, entre elas o hebraico).

E-mail: estevamcervone@gmail.com

LEONARDO TONDATO

COLABORADOR DE ARTIGOS



Psicólogo (UNIP), historiador (UNICSUL), filósofo (UNICSUL), especialista em psicoterapia junguiana (UNIP), especialista em psicanálise dos contos de fada (FACUMINAS), especialista em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica (FACULESTE), mestre em Gerontologia Social (PUC), doutorando em Ciência da Religião (PUC). Membro do corpo docente e de supervisores do Instituto Olhos da Alma São, membro efetivo da SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos), ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais), membro da Joseph Campbell Foundation e SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e Associação Brasileira de Estudos Africanos (ABEÁfrica), Diretor clínico e de pesquisa da ONG Or Avrohom. Embaixador do site Minuto Otaku.

Contatos: leo_tondato@live.com

Face: Leonardo Tondato

Insta: [leo_tondato](https://www.instagram.com/leo_tondato)

Whatsapp (11)94645-5673

PANTEÃO DE COLABORADORES



RAFAEL SENRA

COLABORADOR ARTÍSTICO



Nascido em Congonhas (MG), É Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá. Acadêmico: Doutor em Letras pela UFJF (MG).

Obras em quadrinhos: Ana Crônica (independente, 2009), Lonely Hearts (internet, 2009), Balada Sideral (editora Bartlebee, 2014), Cobra Sofia (editora Marca de Fantasia, 2021).

Livro acadêmico: Dois Lados da Mesma Viagem, (editora Bartlebee, 2013).

Disco: Canções de São Patrício (Progshine Records, 2017), Reenvolver (Progshine, 2021).

Discos lançados como Alfa Serenar: The Mood Machine and Other Furnitures (Progshine/TBTCI, 2019), VIA (2020), Cobra Sofia e Outras Lendas Amazônicas (2022).

Obra literária: Olhar de Bicicleta (editoras Verter/Bartlebee, 2017), livro de contos, ensaios e crônicas.

Filmes: Uma Prosa de Sócrates (curta metragem. direção: Rafael Senra e André Monteiro, 2016), (Ex)perneando no Berço (curta metragem. direção: Rafael Senra, 2014), Whisky com Soda (curta metragem. direção: Victor Klier, 2012. Rafael Senra trabalha como ator).

Site: <http://rafaelsenra.com/>

MIRIAM RABELLO

COLABORADORA LITERÁRIA



Professora na escola Maple Bear Canadian School da Granja Viana, pós-graduada em Mitologia Criativa.

Estuda constantemente assuntos relacionados à história, geografia e educação.

Gosta de ler desde os clássicos até os contemporâneos, sendo Machado de Assis, Adélia Prado e Mia Couto, alguns de seus favoritos.

Ama viajar, natureza, paisagens e praias.

Realizar descobertas está entre seus hobbies favoritos: livros, viagens, lugares, pessoas, filmes, histórias, e por aí vai.

Instagram: @mii_rabellpo

PANTEÃO DE COLABORADORES



IGOR GARTZEA - ILLURIAH COLABORADOR MUSICAL

Igor Gartzea é designer gráfico e músico ha 10 anos. Atuou em bandas do underground paulista como vocalista e letrista, mas atualmente é a única pessoa por trás da Illuriah. Formado em canto erudito pela Escola de Música e Tecnologia, ganhou o prêmio "Tuca" de melhor vocalista em 2015.

Instagram: @illuriah



LUANA AZEVEDO COLABORADORA MUSICAL

Luana Azevedo é Professora de Francês e Literatura, Produtora Cultural do Medieval Market e Pesquisadora da Idade Média. Com primeira formação em Comunicação Social Publicidade e cursos especializados em Cinema, seguiu carreira acadêmica na segunda graduação em Letras Francês Estudos Literários pela UFPR onde publicou sobre Mediação de Leitura. Seu projeto de Mestrado é estudar a Eneida de Virgílio em comparação com a poema épico medieval de Christine de Pizan para narrar a história de Jeanne d'Arc na Guerra de Cem Anos através da mediação e encenação teatral.

Instagram AvecLuh: https://instagram.com/avec_luh?utm_medium=copy_link

Instagram Medieval Market: https://instagram.com/medievalmarket?utm_medium=copy_link

Facebook Medieval Market: <https://www.facebook.com/medievalmarketcwb/>

Site Medieval Market: <http://medievalmarketbrasil.com.br/>

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIZ JÚNIOR COLABORADOR LITERÁRIO



Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduação em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia on-line. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

www.oraculosemisterios.com.br // www.escritorluizjunior.com.br // (11) 98721-9413

FAGNER GABRIEL COLABORADOR CINEMATOGRAFICO



Professor, possui Licenciatura plena em Educação Física, Divulgador Científico, Colunista dos sites Minuto Otaku e Cria do Rock, Graduando em Antropologia na Universidade Federal Fluminense, Curador e Idealizador do canal e Projeto Free Art, Especialista em Docência do Ensino Superior pelas Faculdades Cândido Mendes, aluno iniciante do idioma Japonês. Atuação como Tutor, orientador acadêmico, Revisor, transcritor de áudio através de textos. As suas pesquisas estão dentro do recorte da cultura pop e oriental, Animes, séries, perspectivas fílmicas e trazendo o legado da desocidentalização, desenvolvimento e rupturas para as suas aulas e produções, Antropologia Biológica, suas convergências com ciências exatas e humanas

Linktr.ee: <https://linktr.ee/producoesFagnerGabriel>
@producoesFagnerGabriel

Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCD3rmUPYIvPscFAsi1iKsNw>

Instagram: <https://www.instagram.com/projeto.freeart/>

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)

COLABORADOR MUSICAL



A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: @hellyeahmusiccompany // LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> //(48) 99815-6284

JÉSSICA DIAS - ALPHA CENTAURI

MÍDIAS SOCIAIS E ILUSTRAÇÃO DA CONTRACAPA



Sócia da empresa Alpha Centauri BI, Tecnologia e Desenvolvimento. Tem como lema a melhoria contínua em todo trabalho que participa, levando sua criatividade e inovação.

É paulista, formada em Gestão Ambiental, com ênfase em licenciamento ambiental e sensoriamento remoto. Apaixonada por Ciências Mortuárias, Natureza, Artes e Música contribui com a edição de artes das mídias sociais.

E-mail: jessica@alphacentauritecnologia.com.br

Site: <https://www.alphacentauritecnologia.com.br/>

ÉRICA DIAS

TRADUTORA, REVISORA DE MÍDIAS SOCIAIS E ADMINISTRADORA DO CANAL DA REVISTA MITOLOGIA ABERTA NO YOUTUBE



Formada em Secretariado Executivo Bilíngue, Érica atua com finanças e recursos humanos há mais de 10 anos, possui certificação de RH Business Partner pela FGV e Pós Graduação de Finanças pela Unisa.

Tradutora e revisora dos textos bilíngues e das mídias sociais.

E-mail: dias.ERICA14@gmail.com

AGRADECIMENTOS

Prezado Leitor Mitológico,

Acredito que a hora dos agradecimentos é sempre a mais sagrada, pois é justo aqui que me lembro perfeitamente quantas pessoas são necessárias para que esta revista ganhe corpo e energia!

Nesta edição me deparei com alguns desafios, pois o deus do tempo Chronos não estava brincando comigo nem com nenhum dos colaboradores fixos... Mas sempre existe um largo caminho para quem ama os mitos e é claro que Chronos cederia as investidas de um outro tempo, Kairós, e permitiria que tudo desse certo no final!

Agradeço ao Gazy, que resgatou de seus escritos esse artigo maravilhoso, repleto de sua já conhecida sabedoria, além de ter nos brindado com uma arte deslumbrante em tela. Agradeço ao professor Marcos, que gentilmente escreveu este artigo mágico sobre o amor e pela paciência de ter esperado uma edição a mais, pois seu brilhante artigo não poderia ser dividido em duas edições. Agradeço ao Estevam, que sempre nos presenteia com seus conhecimentos sobre o judaísmo de forma íntegra e competente e ao querido Leonardo por ter estreado na revista de forma brilhante, com uma divindade da mitologia japonesa, dividindo seu precioso conhecimento!

Agradeço ao Luiz Júnior, por trazer sempre personagens maravilhosos da nossa cultura nacional para as Histórias da Vó Tiana. Agradeço ao Luis, da Hell Yeah, pela incrível parceria de sempre e que, embora não apareça nesta edição, continua sendo nosso parceiro na jornada mitológica! Agradeço ao novo parceiro Fagner por acolher tão bem a ideia da revista e aceitar compartilhar seu conhecimento de animes e do mundo pop-mitológico!

Agradeço ao querido Igor e a linda Luana, que nos apresentaram de forma tão mágica e simbólica o Illuriah! É sempre bom encontrar bandas nacionais que nos ativam esse orgulho de ter tão belos talentos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao querido artista Luca, que me impressionou com suas artes e com seu traço único e, posteriormente, aceitou tão gentilmente o convite para estar na nossa revista, de forma sempre carinhosa e acolhedora! Seu Atlas com certeza reflete muito do nosso espírito humano!

Agradeço ao querido Rafael, que nos presenteou com sua linda HQ Cobra Sofia e que além disso, fez tudo em tempo recorde, pois por conta de um imprevisto com o colaborador de Março da Nona Árvore, tivemos que fazer uma troca de colaboradores nas edições. Mas como nada é por acaso, a história que chegou até nós na sessão "Histórias da Vó Tiana" era justamente uma história de uma serpente amazônica!

Agradeço a duas parceiras de jornada mitológica, a Miriam e a Carmelina, que, em conjunto, nos presentearam com a contra capa desta edição. A Carmelina com sua sensível e maravilhosa arte e a Miriam, com uma poesia mitológica, a qual fiquei muito feliz de ler, pois é muito sensível e doce, assim como a própria Miriam é!

E claro, agradeço sempre à querida Fábica Lucas, nossa revisora presente e cuidadosa, e também à maravilhosa Érica Dias, pela revisão e tradução das comunicações das mídias sociais e das páginas referente ao Luca, desta edição. Também agradeço à incrível Jéssica Dias, pelas nossas belas e criativas artes, que todos podem acompanhar durante o mês no Facebook e no Instagram.

Além disso, preciso fazer um agradecimento especial à Érica Dias e ao Ricardo Bajo, por fazerem parte da equipe que faz com que aconteçam as nossas lives! Muito obrigada! Em breve retomaremos as lives... Assim que Chronos e Kairós pararem de brigar rs.

Até a próxima, pessoal!
Equipe Mitologia Aberta.

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial
Larissa Dias

ISSN 2764-0299

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábiana Lucas

Projeto Gráfico: Larissa Dias e Jéssica Dias

Ilustração da Capa: "Il peso della vecchiaia", Luca Scaini

Ilustração da Contracapa: "Alfar o Desejo", Carmelina Piza e Poesia "Entre o Amor e o Caos", Miraim Rabello

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2022, Março, World Wild Web

Periodicidade: Bimestral

Colaboram Nesta Edição:

Gazy Andraus, Marcos Ferreira-Santos, Estevam Cervone, Leonardo Tondato, Érica Dias, Igor Gartztea (Illuariah), Luana Azevedo, Fagner Gabriel, Rafael Senra, Jéssica Dias, Ricardo Bajo e Érica Dias

Editora: Scientia Cultura, Educação e Pesquisa LTDA

Endereço: Rua Professor Campos d'Almeida, 52 - Jardim Rizzo - São Paulo - SP - CEP: 05587-010

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados a seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta

ENTRE O AMOR E O CAOS

Nas asas do coração,
Um nefasto Narciso
Provoca a terrível beleza das águas,
Não aceita ver sua imagem borrada
Pelo movimento ondulante.

No coração em pedaços,
Ninfas batem as asinhas em busca
de Tesouros caídos, destruídos pelo egoísmo:
Uma presilha,
um berloque
Ou um alfinete,
Tudo que cintila talvez seja ouro.

No coração alado,
A agitação das ninfas atormentam as
armas de Hefesto.
Não consegue trabalhar o vil metal, e
lança olhares furiosos ao jardim.
A delicadeza do reino é acariciada
Com o bater das asas...
Dos suspiros...
Da brisa...
Do farfalhar angelical das filhas de
Hera...

No coração que ama,
Amar é a força de quem conhece bem o
que é amar.

Na encantada roda da vida existe
uma disputa velada entre o sufrágio e o
amor.

A resistência é silenciosa,
Mas ardil.

O amor é delicado,
Frágil,
Inatingível.

Não é pela força que se vence, mas pela
incansável vontade de amar,

Satisfazer o desejo,

O Toque,
As trocas....

Será que nós humanos nos sentimos
mais fracos por amar?

Seriam os imortais deuses ou
semideuses, invejosos de nossa condição
humana e

desejarem assim aniquilar o amor?

Na correnteza dos sentimentos carnis, o
profano inunda...

Alma, calma, cama, ama...amar...o amor
em toda sua imensa felicidade, calor, dor,
suor, cor.